

Tradução do francês por MT, revisto e cotejado com o inglês por CN, 19.08.2010

(versão francesa retirada em 24.05.2008 de
http://www.geocities.com/komintern_doc/komintern065.htm)¹

Declaração programática dos Comunistas Revolucionários Soviéticos (bolcheviques)

Índice

- I. Os líderes oportunistas do PCUS sob a máscara do marxismo**
- II. Stáline e a democracia proletária**
- III. O domínio da burocracia**
- IV. Os oportunistas na arena mundial**
- V. Comunistas, avante!**

Nota do editor

O presente documento foi-nos dado a conhecer, na sua versão francesa, pelo site *Komintern.Doc*, entretanto desactivado, que o reproduziu a partir da edição de 1971, pelas Éditions Norman Béthune (76, boulevard Saint-Michel, Paris 6.^o), na qual são omissos quaisquer dados sobre os seus autores, bem como a data precisa da publicação, necessariamente clandestina, na União Soviética. As referências contidas no próprio texto permitem contudo situá-lo no período imediatamente após a destituição de Khruchov² (14 de Outubro de 1964).

¹ Este texto está disponível em inglês em http://www.enverhoxha.ru/Archive_of_books/Archive/Programmatic_proclamation_of_the_Soviet_revolutionary_communist_bolsheviks.pdf, site onde também existe uma tradução russa, feita recentemente a partir da versão inglesa editada na Albânia em meados dos anos 60. (N. Ed.)

² Nikita Serguéievitch Khruchov (1894-1971), membro do partido desde 1918, do CC (1934-1964), do *Politburo/Presidium* do CC (1939-1964), primeiro-secretário do CC do PCUS (1953-1964). Participante na Guerra Civil, ingressa, em 1929, na Academia Industrial de Moscovo, tornando-se primeiro-secretário do Comité de Moscovo (1935) e secretário do CC do partido da Ucrânia (1938-1947). Durante a II Guerra foi membro dos conselhos militares do Sudoeste, de Stalingrado, do Sul e de Varonej. Tenente-general (1943), presidente do Conselho de Comissários do Povo da Ucrânia, (Conselho de Ministros a partir de 1946) entre 1944 e 1947. Em Dezembro de 1949 é eleito secretário do CC e primeiro-secretário do Comité de Moscovo. Em 14 de Outubro de 1964 é exonerado de todos os cargos no partido. Foi o promotor do célebre «relatório secreto» lido ao XX Congresso que marcou o início do revisionismo ideológico precursor da *perestróika*, que conduziu à destruição da URSS e à restauração do capitalismo. (N. Ed.)

Em vão procurámos o original nos numerosos sites russos que se interessam pela divulgação de documentos e investigações sobre a história da URSS. Por fim, descobrimos uma versão em russo no site *www.enverhoxha.ru*, que, afinal, era uma tradução do inglês, a partir de uma edição produzida na Albânia em 1965, a qual se encontra disponível no mesmo site.

Foi o mais perto que conseguimos chegar do original, supondo que esta tradução inglesa foi feita directamente do russo, como nos parece provável, e que terá servido de base à tradução francesa, como nos parece resultar com evidência da confrontação das duas versões.

Sobre a sua autoria, o editor de *Komintern.Doc* refere que, na altura em que apareceu esta «Declaração Programática», «*circulou nos meios marxistas-leninistas a suposição de que a sua redacção seria da responsabilidade ou poderia ter sido supervisionada pelo camarada V.M. Mólotov,³ companheiro de armas de Lénine e de Stáline*».

Porém trata-se de «*uma simples suposição*», já que, «*considerando as condições de clandestinidade do movimento comunista revolucionário (bolchevique) na URSS, depois do triunfo dos revisionistas kruchovianos no interior do PCUS, era impossível a qualquer um reivindicar a paternidade literária de um tal texto*».

Contudo, refere ainda o editor francês, «*o estilo da escrita, certas peculiaridades das frases, algumas expressões utilizadas, o conhecimento aprofundado das situações e dos temas políticos tratados, podiam deixar uma certa margem de plausibilidade à possibilidade de este texto ter sido “inspirado”, mesmo que indirectamente, pelo camarada em questão*».

Do que não há dúvida, e esta dedução parece-nos irrefutável, é que o grupo que redigiu este texto estava pelo menos ideologicamente muito próximo de Mólotov, único dirigente soviético cujo pensamento é citado, para além de Lénine e de Stáline.

Todavia, apesar de todos estes sinais, não conhecemos nenhum documento que testemunhe a ligação de Mólotov a esta «Declaração Programática», razão pela qual, ao contrário do editor de *Komintern.Doc*, e não obstante partilharmos o seu ponto de vista, optámos por não manter o nome deste grande dirigente soviético como co-autor do presente documento.

³ Viatcheslav Mikháilovitch Mólotov (1890-1986), membro do partido desde 1906, do CC (1921-57) do *Politburo* (1926-57). Membro do Conselho Revolucionário de Petrogrado (1917), secretário do Comité Central do PC da Ucrânia (1920), presidente do Conselho de Comissários do Povo (1930-41) e comissário/ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS (1939-1949 e 1953-1956). Em 1957 é acusado de pertencer ao grupo antipartido, com Káganovitch e Malenkov, e é enviado como embaixador para a República Popular da Mongólia. Expulso do partido em 1961 foi reintegrado em 1984. (*N. Ed.*)

Declaração programática dos Comunistas Revolucionários Soviéticos (bolcheviques)

I

Os líderes oportunistas do PCUS sob a máscara do marxismo

Hoje aproxima-se um momento decisivo no desenvolvimento do movimento comunista. Numa situação em que cada partido comunista deve tomar para si próprio a decisão histórica de seguir pela via do marxismo revolucionário ou do oportunismo, é necessário que os comunistas do mundo inteiro ouçam também a voz dos seus camaradas soviéticos.

Actualmente pretende-se que a opinião dos últimos está expressa nas decisões e declarações emanadas da actual direcção do Partido Comunista da União Soviética (PCUS). No entanto, alguém que conheça minimamente a situação interna do nosso país, alguém que tenha estado minimamente em contacto com as massas do nosso povo e com os militantes de base do partido, não pode desconhecer que todas essas decisões e declarações não só não reflectem as reais convicções e aspirações da esmagadora maioria do povo soviético e da esmagadora maioria dos membros do PCUS, como estão em flagrante contradição com elas.

Os comunistas da China e da Albânia tem demonstrado uma rigorosa fidelidade aos princípios e uma abnegação revolucionária na denúncia do oportunismo moderno. Os documentos do Partido Comunista da China e do Partido do Trabalho da Albânia desvendaram completamente a via de traição dos interesses da revolução socialista, que foi seguida pela direcção do PCUS depois da morte de Stáline. Assim, muitas vezes iremos meramente repetir e consubstanciar as teses dos camaradas chineses e albaneses. Mas também nestes casos, como regra, falaremos em nosso nome, a fim de que todos saibam que este é o modo como pensam os comunistas soviéticos, é o modo como pensam milhões de comunistas soviéticos. No entanto consideramos que o nosso dever mais importante é desvendar as causas que geraram o antagonismo entre a direcção do PCUS e a maioria dos comunistas soviéticos, por um lado, e do povo soviético, por outro lado. Os dirigentes oportunistas do PCUS devem ser desmascarados na sua retaguarda, no plano da sua posição social no interior da URSS, lá onde não podem camuflar as suas entranhas apodrecidas, lá onde usurparam de facto o poder e se opõem ao povo.

Esta situação tão complexa é excepcionalmente difícil de compreender do exterior. Mas é absolutamente indispensável compreendê-la tanto do ponto de vista prático como teórico. Aqui confrontamo-nos com um fenómeno que representa em si mesmo o perigo «interno» e que, por consequência, é o mais sério para o movimento comunista, um fenómeno que nos ameaçará no decurso de toda a etapa da transição do capitalismo ao comunismo. A compreensão da situação dos oportunistas no interior da URSS ajudará também os partidos comunistas e operários do mundo a avaliar de maneira mais justa as acções deles na arena internacional, a sua hipocrisia no que diz respeito aos movimentos revolucionários e de libertação, a forma como distorceram a ideia da luta pela paz.

Pensamos que não é necessário demonstrar que a essência das contradições no movimento comunista actual se concentra na questão do «culto da personalidade». Cada um dos lados opostos considera que esta questão é a pedra de toque da fidelidade ao marxismo-leninismo. E isso é inteiramente natural porque se trata da primeira experiência da ditadura do proletariado. É evidente que o movimento comunista não pode seguir em frente enquanto esta questão não estiver esclarecida.

Houve um momento (imediatamente a seguir ao XX Congresso do PCUS) em que os críticos do «culto da personalidade», pelo carácter sensacional e a aparência de veracidade das suas denúncias, lograram enganar muitos comunistas. Mas nem mesmo então os oportunistas conseguiram convencer os militantes proletários mais firmes, experientes e testados. Foi então que tais camaradas – em primeiro lugar e principalmente os comunistas da China e da Albânia – compreenderam a essência e o carácter calunioso da campanha desencadeada pela direcção do PCUS. Os anos que se seguiram mostraram o enorme dano provocado ao movimento comunista pelas acções dos oportunistas, os quais se revelaram completamente incapazes de encontrar uma solução à altura dos problemas candentes que o movimento comunista enfrentava. Os acontecimentos dos últimos dias demonstraram claramente a essência demagógica dos clamores oportunistas sobre o «culto da personalidade», o seu carácter contra-revolucionário e antimarxista.

Com efeito, os oportunistas começaram com a crítica do «culto da personalidade» de Stáline e acabaram com a crítica do «culto da personalidade» de Khruchov. E a questão aqui não reside apenas no facto de Khruchov – o qual os oportunistas costumavam exaltar como um «grande marxista», título que não pretendiam atribuir a mais ninguém – se ter revelado culpado do mesmo pecado pelo qual havia criticado Stáline. O facto é que o exemplo de Khruchov tornou inteiramente claro o carácter absurdo das posições dos oportunistas, da conversa fiada sobre o «culto da personalidade», na qual se substituiu a explicação social das formas da ditadura do proletariado pela concepção subjectiva da governação de um homem no Estado socialista. É preciso não ter a mínima noção do que é o materialismo histórico para se afirmar tal coisa. A colossal personalidade de Stáline, contudo, emprestava ao mito oportunista uma aparência de uma verdade. Mas o que se passou com Khruchov desacreditou definitivamente os revisionistas. Ninguém podia acreditar que Khruchov fosse uma grande personalidade ou tivesse algum mérito pessoal particular. Qualquer criança na URSS estava ciente disso. Não é segredo para ninguém que o culto de Khruchov foi criado (à custa de grandes esforços) pelo seu próprio círculo. Neste caso a base social da autoridade pessoal manifestou-se com muita clareza. Os marxistas sabem que as qualidades do dirigente são directamente determinadas pelo meio social que o engendra. E teremos muito que dizer se compararmos Stáline e Khruchov sob este ponto de vista.

No entanto é um facto, dirão os oportunistas, que Stáline foi durante um longo período o dirigente todo-poderoso do Estado Soviético e do PCUS, e que era louvado pelo povo. Não pretendemos de modo algum negar isso. Mas como é possível que pessoas que se dizem marxistas possam declarar que tal foi um acaso, que estava em contradição com a vontade do partido e do povo, que o partido e o povo construíram o socialismo sem e contra Stáline? Como podem admitir a ideia de que um homem que não se apoiava em nenhum grupo social, que não representava nenhuma classe, tenha podido liderar durante 30 anos consecutivos um partido e todo um Estado, unicamente graças à sua obstinação e carácter? Os críticos do «culto da

personalidade» que acreditam na possibilidade de uma tão extraordinária e impune arbitrariedade estão, eles próprios, a elevar Stáline ao nível de um super-homem, afastam-se do marxismo e admitem a teoria do «culto da personalidade». A límpida história da luta de classes pelo socialismo, conduzida pelo povo soviético durante 30 anos, na versão desses traidores do marxismo, perde todo o seu grandioso significado social e transforma-se numa historieta sem sentido, num palavreado obscuro, baixo e repugnante, onde uma calúnia engendra a outra. O quadro apresentado pelos oportunistas pode adaptar-se à imaginação de um pequeno-burguês e deve agradar ao gosto do intelectual burguês, que está sempre debruçado sobre a sua personalidade e, por isso, pronto a atribuir tudo à vontade pessoal. Mas os marxistas não podem contentar-se com lendas da «vontade pessoal» do pequeno-burguês e têm naturalmente que analisar as causas sociais de uma tal situação.

Deve-se sublinhar que a necessidade de uma tal análise social é claramente reconhecida pela maior parte dos comunistas soviéticos. Também nisto se reflecte a influência da grande escola da educação marxista que tiveram. Logo após o XX Congresso, nas assembleias das organizações de base do PCUS, os militantes exigiram em massa ao Comité Central que fizesse uma apreciação verdadeiramente marxista da acção de Stáline. Este pedido foi de tal modo insistente que a direcção do PCUS se viu obrigada a recorrer a perseguições contra vários membros do partido e a dissolver uma série de organizações que agiam de maneira particularmente concertada. Mais tarde, em 1957, aqueles que criticaram as decisões do XX Congresso foram obrigados a renunciar aos seus pontos de vista em reuniões do partido. Mas a unanimidade da opinião pública, mesmo em silêncio, era tão ameaçadora que os oportunistas tiveram de recorrer a medidas extremas. Procurando contrapor à «crueldade» de Stáline o seu «humanismo», reabilitaram sem qualquer verificação ou investigação judicial todos os presos políticos, jogando com os seus sentimentos de ofendidos e garantindo-lhes o direito de se exprimirem publicamente. Mas como se isso não fosse suficiente, decretaram uma nova amnistia geral para os elementos criminosos, que haviam aterrorizado a sociedade mais que uma vez. Toda esta chamada «política» foi coroada com o encontro de Khruchov com um dos bandidos arrependidos, a quem atribuiu uma generosa gratificação por, finalmente, ter decidido tornar-se um homem honesto. A indignação geral obrigou a imprensa oficial a pôr termo às descrições elogiosas desse «acto humanitário». Mas tanto lixo fora lançado na corrente límpida que, durante algum tempo, as águas permaneceram turvas. Para isso, um contributo significativo foi dado pelos resquícios da velha sociedade, os quais, depois de terem sido obrigados a dissimular as suas opiniões e verdadeiros sentimentos durante 40 anos consecutivos, tinham agora subitamente a possibilidade de exprimir às claras a sua cólera contra a ditadura do proletariado. A literatura tornou-se a principal arena das suas actividades. E foi para aqui que se voltaram os novos corrompidos.

Mas por muito activos que se tenham mostrado esses combatentes do «culto da personalidade», os oportunistas perceberam que nem toda a gente iria cair nessa ratoeira. A crítica de Stáline precisava de ser reforçada a todo o custo com argumentos que se assemelhassem aos argumentos marxistas. Um homem que é culpado de tantos pecados não pode, no plano teórico, ser um marxista-leninista. O contrário seria o fenómeno mais espantoso do mundo. Tendo consciência disto, os oportunistas e os seus lacaios andam em busca, há mais de dez anos, nas obras de Stáline, de teorias – e se não de teorias pelo menos de teses particulares e se não de

teses de particulares pelo menos de alusões particulares – que estejam em contradição com o marxismo-leninismo. Procuram, mas nada encontram.

Começaram por trocar do capítulo filosófico, escrito por Stáline, do Breve Curso da *História do Partido Comunista da URSS (bolchevique)*, tudo se resumindo ao facto de terem aumentado de 4 para 12 o número das particularidades da dialéctica indicadas por Stáline, o que não só é difícil de aplicar, mas também de memorizar. Meteram-se depois à tarefa de criticar a obra de Stáline *Problemas Económicos do Socialismo na URSS*. Nada tendo conseguido, calaram-se. Tendo rejeitado integralmente, em palavras, os artigos de Stáline sobre questões de linguística, chegaram à conclusão de que havia neles algumas distorções. E foi desta forma que agiram dezenas de vezes nos mais variados campos: urros e declarações triunfais, mas no fim vemos os liliputianos já sem forças aos pés de Gulliver.

Dir-nos-ão que, presentemente, está refutada uma das teses mais importantes de Stáline, na qual baseou a sua acção, designadamente a tese de que a luta de classes se torna mais encarniçada e adquire formas mais complexas à medida que a sociedade socialista se aproxima do comunismo. Mas permitam, senhores oportunistas, que deixemos a teoria de lado por um momento. Como definiriam vocês a luta desencadeada na URSS depois da morte de Stáline, e na qual têm participado tão activamente? Não é esta uma luta de classes? A sua ferocidade não é a melhor prova de que Stáline tinha razão? Ao responderem a estas questões os oportunistas não têm outra alternativa senão de concordarem connosco ou tornarem-se motivo de chacota para todos os marxistas.

Assim, os críticos do «culto da personalidade», se pretenderem adoptar uma atitude minimamente séria em relação a esta questão e convencer outras pessoas de que têm razão, devem explicar a circunstância surpreendente de que Stáline, que na opinião deles foi tão longe no domínio dos erros práticos, se tenha mantido na teoria um marxista ortodoxo. Em nosso entender não existe tal contradição, uma vez que consideramos que a actividade de Stáline é inteiramente explicável e justificada. E se houve erros, do ponto de vista histórico, Stáline não os podia ter compreendido nem evitado.

Aqui surge uma questão: porque é que os oportunistas insistem num ponto de vista cuja absurdidade não constitui segredo para ninguém? Aqueles que defendem uma análise social do «culto da personalidade» são demagogicamente acusados pelos oportunistas de, alegadamente, tentarem ligar o «culto da personalidade» à própria natureza da ordem socialista. Mas a que se devem todos estes exageros? Porque é que esta ou outras particularidades da actividade de Stáline não poderiam ter sido condicionadas, não pela essência do socialismo em geral, mas pelas condições históricas concretas nas quais Stáline agia? Não há dúvida, neste aspecto, de que os oportunistas precisam da crítica ao «culto da personalidade» de Stáline para atingirem os seus objectivos pessoais, de que essa crítica se destina a ser usada como cortina de fumo para que possam encobrir a sua face e os seus actos ignóbeis. E somos tanto mais levados a pensar assim porquanto, na década transcorrida após a morte de Stáline, a direcção oportunista do PCUS tem procurado demonstrar o seu valor, não mediante o alcance de êxitos reais, mas através da crítica daqueles que há muito deixaram de viver.

E apesar disso, neste caso, muitas coisas estão a ser explicadas com a destituição de Khruchov. Todos sabem que esse pigmeu charlatão levou a cabo todas as políticas e, em particular, todos os programas económicos que lhe foram propostos pelo seu

grupo. Mas agora dizem-nos que ele é o único responsável por todos os fracassos da «grande década». Não há dúvida de que, neste caso, os chefes oportunistas do PCUS sacrificaram Khruchov para dar uma satisfação à opinião pública da URSS, eliminando com um traço de caneta os resultados lamentáveis da sua actividade conjunta ao longo de dez anos e atirando toda a responsabilidade sobre o bode expiatório Khruchov. Mas sentindo instintivamente que esta explicação mal se tinha de pé, e que poderia conduzir a conclusões indesejáveis, os oportunistas evitam agora, em geral, dar muito ênfase à destituição de Khruchov.

Na verdade, comparando Stáline com Khruchov não podemos deixar de recordar as palavras de Marx de que a história se repete duas vezes, mas primeiro apresentou-se sob a forma de tragédia, enquanto mais tarde apareceu sob a forma de comédia. O que aconteceu sob Khruchov não foi nem mais nem menos do que uma paródia da campanha oportunista da denúncia do «culto da personalidade» de Stáline, revelando na pessoa de Khruchov um bobo e um renegado, e na pessoa de Stáline um líder revolucionário e um pensador.

II. Stáline e a democracia proletária

Se resumirmos todas as acusações levantadas pelos oportunistas contra Stáline poderíamos incluí-las, de modo geral, numa única categoria: violação da democracia proletária. Stáline, segundo os oportunistas, usurpou o poder no país e no partido, liquidou os melhores e mais experimentados quadros do partido e do Estado.

Criticando Stáline, os oportunistas opõem-no a Lénine, julgando que este é o melhor e mais claro argumento a seu favor. Nós também concordamos que essa comparação é pertinente, embora, por outro lado, ela se volte contra os próprios oportunistas. «Intransigência», «crueldade», «comportamento ditatorial» – de onde surgiu todo este vocabulário? Estaremos por acaso a citar um editorial da *Pravda* dos últimos anos consagrado ao «culto da personalidade»? Não estas são as definições que os oportunistas costumavam fazer da actividade de Lénine durante toda a revolução russa. Porque é que a direcção actual do PCUS omite o facto de que tudo o que no passado foi atribuído a Lénine está agora a ser repetido em relação a Stáline? E que metamorfose! Lénine, segundo os oportunistas modernos, seria alegadamente um partidário da tese «não resistas ao mal pela violência». Para denegrir a táctica revolucionária de Stáline, cuja crítica tem para eles uma importância vital directa, os oportunistas estão dispostos a esquecer o passado e a apresentar Lénine sob uma forma «enobrecida», condizente com o seu ponto de vista. «Nós somos os jacobinos do proletariado!» – estas palavras de Lénine devem ser lembradas a todos aqueles que procuram agora refazer Lénine e dar-lhe a aparência de Jesus Cristo.

Mas existia alguma diferença no carácter das acções de Lénine e de Stáline? Existia, sim. Ao compararem estes dois dirigentes revolucionários, os oportunistas (em total conformidade com a sua visão pequeno-burguesa do mundo) reduzem tudo às qualidades pessoais destes dois homens. No entanto, é claro que a actividade de Lénine e de Stáline, enquanto líderes do partido e do Estado, reportam-se a dois períodos diferentes do desenvolvimento da nossa revolução, períodos que diferem radicalmente um do outro. A morte de Lénine coincidiu praticamente com o final do período da ofensiva da revolução europeia, de modo que sobre os ombros de Stáline

recaiu a tarefa de dirigir o primeiro Estado proletário num momento em que estava completamente isolado na arena mundial e nas condições em que não existia uma base suficiente para a edificação do socialismo. A ruptura do elo mais fraco na cadeia do capitalismo era uma fraqueza da própria revolução.

«Um país atrasado» – escreveu Lénine – *«pode começar⁴ facilmente porque o seu adversário apodreceu, porque a sua burguesia está desorganizada, mas para continuar, tem que ter cem mil vezes mais cautelas, prudência e firmeza. Na Europa ocidental isto será diferente, lá é incomensuravelmente mais difícil começar, lá é incomensuravelmente mais fácil seguir em frente (...). A revolução num país atrasado, que os acontecimentos, em grande medida devido ao atraso desse país, colocaram, naturalmente por um breve período e, naturalmente, em aspectos parciais, na vanguarda dos outros países mais avançados – naturalmente, essa revolução está inevitavelmente condenada a atravessar os momentos mais difíceis e, no futuro próximo, os mais desoladores».*⁵

Não é de estranhar que numa situação tão desesperada, as medidas adoptadas pelo partido bolchevique dirigido por Stáline tenham tido um carácter desesperado e excepcional. A frente económica era quase mais perigosa e, em todos os sentidos, mais complicada que as frentes da guerra civil.

Na verdade, a revolução alemã conduziu não à vitória do proletariado, mas à vitória da burguesia; e isto desfez as esperanças da tão aguardada ajuda revolucionária directa da Europa; a NEP⁶ ajudou o país a escapar à fome, mas não resolveu o problema do financiamento da construção da grande indústria de máquinas, sem a qual não pode haver socialismo. O socialismo tinha que ser inteiramente edificado com os recursos internos do país. A agricultura tinha que ser a base material de toda a construção socialista. Mas havia enormes dificuldades nos planos político e organizativo para se enveredar por esta via.

Depois do triunfo da revolução, depois da sua afirmação definitiva, a agricultura estava desorganizada, fora de controlo, e os seus recursos eram repartidos entre as pequenas explorações privadas. A especulação, que prosperava neste terreno, e a contaminação de uma parte do proletariado pelo egoísmo da propriedade caracterizavam a situação criada pelo elemento pequeno-burguês que assolava o país.

Só uma organização de ferro, só um rigorosíssimo registo e controlo, uma rigorosíssima disciplina no trabalho podiam salvar a revolução socialista nestas condições. Teria sido possível realizar tudo isto através de medidas democráticas?

Precisamente o mesmo teria que acontecer no campo da luta ideológica. Chamamos a atenção para o facto de que a revolução proletária na Rússia foi possível realizar-se porque, num dado momento, a pequena burguesia, compreendendo que os métodos burgueses eram ineficazes para a resolução das tarefas vitais imediatas, inclinou-se para o lado do proletariado, admitindo praticamente a sua incapacidade política. Exactamente, ela «inclinou-se» – termo empregado por Lénine. Mas tal como uma pessoa fraca que num momento do perigo se entrega completamente nos braços de alguém mais forte, uma vez passado o

⁴ Lénine refere-se à revolução proletária. (N. Ed.)

⁵ «Discurso sobre as tarefas imediatas do Poder Soviético», na sessão do Comité Executivo Central de Toda a Rússia, 29 de Abril de 1918, V.I. Lénine, *Obras Completas* (em russo), 5ª edição, Moscovo, 1969, tomo 36, pp. 252, 244-245. (N. Ed.)

⁶ NEP, sigla russa de Nova Política Económica. (N. Ed.)

perigo começa logo a gabar-se e a atribuir-se a vitória a si própria, assim a pequena burguesia, logo a seguir ao derrubamento do tsarismo e da grande burguesia, se tornou simultaneamente forte e arrogante. Ao mesmo tempo, devido aos seus fracos nervos, concebia a vitória do socialismo unicamente na forma de um idílico apoio imediato à Rússia por parte de uma Europa insurrecta. No momento em que a esperança da revolução «mundial» se desvaneceu, quando se tornou claro que o socialismo teria que ser edificado unicamente com os seus próprios meios e forças, os últimos impulsos revolucionários dos ideólogos pequeno-burgueses extinguiram-se sem deixar vestígios, rompendo-se a sua ligação com os bolcheviques. Então começaram a aparecer as dúvidas «profundas» e clarividentes, a ouvir-se clamores pela salvação de pelo menos uma parte das conquistas revolucionárias, mediante a capitulação perante o imperialismo europeu; foram feitas acusações de «extremismo» aos bolcheviques – noutros termos, começou uma orgia de palavreado destinado a mascarar o espírito medroso da pequena burguesia.

Naturalmente que a melhor arma dos demagogos pequeno-burgueses desta época era a exigência de democracia, a exigência de lhes ser permitido «dirigir-se às massas». E nós aconselharíamos os oportunistas actuais a lembrarem-se de que não foi Stáline mas Lénine quem então escreveu:

«Quando os mencheviques gritam sobre o “bonapartismo” dos bolcheviques (que, segundo dizem, se apoiam no exército e no aparelho de Estado contra a vontade da “democracia”), traduzem perfeitamente a táctica da burguesia (...) A burguesia tem justamente em conta que as verdadeiras “forças da classe operária” são actualmente constituídas pela poderosa vanguarda desta classe (o Partido Comunista da Rússia que conquistou não de um golpe mas ao longo de 25 anos, com os seus actos, o papel, o título, a força de “vanguarda” da única classe revolucionária), e por elementos que são os mais enfraquecidos pela desclassificação e mais maleáveis às oscilações mencheviques e anarquistas (...) Sob o slogan “Mais confiança na força da classe operária” opera-se presentemente, na prática, o reforço das influências mencheviques e anarquistas: Kronstadt, na Primavera de 1921, demonstrou e mostrou isto com toda a clareza (...) A nossa palavra de ordem é: Abaixo os gritadores! Abaixo os cúmplices inconscientes dos guardas brancos! (...) Vamos ao trabalho prático e concreto, com a capacidade de compreender a particularidade do momento actual e as tarefas que ele coloca! Precisamos de actos, não de frases.»⁷

Para proteger as suas actividades oportunistas, os ideólogos pequeno-burgueses tentaram alterar a democracia interna do partido. Recordemos os debates intermináveis que os mencheviques e os socialistas-revolucionários impuseram ao partido nos momentos mais críticos para a revolução, desperdiçando-se forças e tempo tão preciosos. E não foi Stáline, mas sim Lénine, que promoveu a famosa resolução do X Congresso do partido que proibiu quaisquer fracções no interior do partido. E do ponto de vista formal isso era, sem dúvida, uma violação da democracia.

Para se poder compreender como e porquê se concentrou tanto poder nas mãos de Stáline, temos de ter em conta a situação criada no XV Congresso do partido. Lendo as actas do congresso, surpreendemo-nos, sem querer, com o que ali se

⁷ «Novos tempos, velhos erros sob uma forma nova», *Pravda*, n.º 190, 28 de Agosto de 1921, V.I. Lénine, *Obras Completas*, ed. cit., Moscovo, 1970, tomo 44, pp. 107-108 (N. Ed.)

passou. Os elementos da oposição exigiam e imploravam uma atitude democrática elementar para com eles, exigiam uma mera troca de opiniões, enquanto todo o congresso gritava «Abaixo os oposicionistas! Viva Stáline!» E isto não provocou a supressão da democracia proletária, mas a sua afirmação. O congresso defendeu a causa revolucionária contra a fraseologia pequeno-burguesa. E o representante dessa causa revolucionária era Stáline que colocou pela primeira vez, de uma forma firme e clara, a questão da construção do socialismo num só país, apresentou a decisão histórica de integrar a agricultura no quadro da edificação do socialismo, através da colectivização maciça, e orientou o país para a industrialização.

O partido e o povo confiaram em Stáline. Haveria necessidade de uma tal confiança nos dirigentes nesta etapa? Aqueles que se afirmam marxistas têm de admitir que a democracia, como qualquer outro fenómeno social, deve ser apreciada num contexto histórico concreto. Na sua primeira fase, a democracia proletária (sobretudo num país atrasado como a Rússia) tinha que traduzir-se na centralização mais forte possível do poder. Em face do perigo de morte, nas condições de uma luta de classes muito encarniçada, o proletariado aplicou essa centralização do mesmo modo que na frente de batalha se aplica a disciplina militar. Perguntamos: é preciso ter confiança no comandante que tem nas suas mãos o destino do exército revolucionário num momento decisivo? É claro que as frases oportunistas sobre a democracia dissimulam o individualismo burguês e os esforços para assegurar, no momento oportuno, a possibilidade de deserção. Aquele que quer combater não pode prescindir de um comandante. E posto que Stáline já não está hoje entre os vivos, combateremos nos batalhões de Mao Tsé-Tung e de Henver Hoxha.

Consideremos agora esta questão do ponto de vista da organização do trabalho. É evidente que dado o nível de desenvolvimento económico que a Rússia tinha na altura, não se podia enfraquecer a divisão do trabalho, a qual nem sequer estava desenvolvida num grau suficiente. A função do poder de Estado, como uma das funções da actividade social, assumia uma importância especial na sua situação de independência. E isso não era a negação da democracia. As massas populares entregaram conscientemente o poder aos representantes eleitos, os quais tinham dado provas na luta revolucionária da sua têmpera marxista e da sua fidelidade ao povo.

Lénine costumava dizer que teríamos de pagar das mais diversas formas pela nossa ignorância. A este respeito, ele acentuou a necessidade de colocar os velhos especialistas burgueses ao serviço do proletariado. Mas o pagamento pela nossa ignorância iria, manifestamente, assumir outras formas mais complexas. Isto pode ser muito facilmente compreendido se considerarmos as coisas em concreto. Assim, por exemplo, um antigo budionista,⁸ que se tornara secretário de um comité regional do partido, e não conseguia resolver por si próprio os problemas políticos e económicos que se colocavam no plano geral, costumava dizer: «*Mandem-me o decreto e obrigarei seja quem for a cumpri-lo à força da pistola*». Desta maneira o poder efectivo foi concentrado legitimamente nas mãos daqueles que tinham o conhecimento, experiência revolucionária e autoridade. Seria isto bom do ponto de vista dos ideais socialistas abstractos? Suponhamos que era mau. O que poderão contrapor a este respeito aqueles que querem efectivamente realizar a teoria do

⁸ Militar do exército de cavalaria vermelho comandado pelo general Semióne Mikháilovitch Budiónni (1883-1973) durante a guerra civil. (N. Ed.)

socialismo na prática? É que foi precisamente este recuo (e não somente a utilização dos antigos especialistas burgueses) que constituiu a «paga» à velha ordem das coisas devida pela nossa ignorância geral – o recuo face à total igualdade socialista, inevitável nas condições do nosso atraso cultural. Os oportunistas gostam de afirmar, em palavras, que, em relação aos seus oponentes, são o mais de esquerda que se pode ser. Mas onde é que eles próprios se colocam quando se recusam a compreender a lógica do desenvolvimento social real? Para além disso é evidente que querem ser mais papistas que o papa, mais democratas que as próprias massas populares, as quais, muito antes dos democratas de gabinete, já tinha resolvido a questão de saber se são ou não necessários dirigentes na guerra e se é ou não preciso obedecer-lhes.

Embora se mostrem prontos a reconhecer a necessidade do centralismo em teoria, esses traidores pseudo-marxistas não o aceitam de modo algum na prática, nem se conformam com a ideia que as pessoas fazem dele. Construir o socialismo com o material humano de que dispomos actualmente e, por conseguinte, também com os conceitos que existem na sociedade actual – tal é a instrução de Lénine. Os bolcheviques, dirigidos por Stáline, cumpriram esta instrução.

Mas naturalmente que não se trata aqui de verificar a pureza cristalina ou a santidade dos oportunistas. Depois de 40 anos consecutivos em que demonstraram uma atitude servil perante a ditadura do proletariado, obtiveram de repente a possibilidade de discutir os seus méritos e os seus defeitos e descobriram nela um dos pontos «fracos» da ideologia da sociedade socialista em construção. Pois bem, com efeito somos feitos unicamente de pontos fracos, mas é porque nós vivemos a vida, enquanto que vocês estão cheios de virtudes porque saíram do túmulo político, porque são velhas solteironas incapazes de cometer pecados e de gerar vida.

Naturalmente que estes inimigos do marxismo nem sequer compreendem que, se querem falar do «culto da personalidade», têm de dizer que este começou no momento em que o corpo de Lénine foi colocado no mausoléu, onde Stáline prestou juramento sobre o seu caixão. Levemos o assunto até ao fim, meus senhores! Atrever-se-ão a atentar contra esse «culto» e esse juramento? Não sereis vós indignos, mais que qualquer outro, de uma tal coisa, vós que jurais por Lénine todos os dias e a toda a hora? Onde está aqui a fidelidade aos princípios? Nós juramos por Lénine e Stáline, mas não somos dúplices. Declaramos aberta e publicamente que o proletariado tem os seus líderes, nos quais vemos a realização suprema das possibilidades da nossa classe e de toda a humanidade, em cuja exaltação, na verdade, afirmamos o que temos de melhor.

O juramento prestado sobre o túmulo de Lénine foi um testemunho do facto de que o período ofensivo da revolução tinha terminado. Agora, a lógica do desenvolvimento revolucionário não podia deixar de ser ofuscada pelas contradições sociais muito complexas; ela não se apresentava às massas na sua natureza viva. Esta lógica tinha de ser compreendida e explicada pelos dirigentes. Agora tudo deveria ser construído com a confiança das realizações alcançadas, com confiança no líder.

Considerámos que o próprio facto da revolução constituía uma manifestação de esplendor. E isso foi justo. Esta foi também a forma como distinguíamos as pessoas que tinham feito essa revolução. Mas a canonização do passado também conduzia inevitavelmente à canonização do presente. Stáline compreendia-o perfeitamente, falava sempre deste assunto de forma clara e concisa. Stáline é a bandeira.

O poder que Stáline recebeu do partido e do povo baseou-se unicamente no reconhecimento das suas qualidades como grande pensador e combatente revolucionário, na confiança geral que nele era depositada por se ter mantido um timoneiro determinado do leninismo, mesmo sob os golpes dos «direitistas», dos «esquerdistas» e dos oportunistas de toda a espécie. Falar hoje do «culto da personalidade» de Stáline como uma violação da democracia, um desprezo pela vontade do partido e do povo, é a maior afronta aos mais sagrados sentimentos dos nossos homens e mulheres, uma afronta que só pode ser feita por aqueles que não estiveram connosco durante a nossa primeira marcha para o socialismo, ou então por aqueles que não podem esquecer a mão pesada da ditadura do proletariado, que sentiram sobre os ombros.

E aqui chegamos à questão das «repressões» alegadamente cometidas por Stáline. Os senhores oportunistas, tentando ocultar a base social destas repressões, esforçam-se por apresentar Stáline como um homem que, receando eventuais rivais, mandava prender e fuzilar todo aquele que lhe parecesse uma pessoa sensata e razoável. É claro que isto não tem qualquer fundamento, mesmo em relação ao círculo mais próximo de Stáline. Caso contrário, os membros da clique oportunista, por exemplo, teriam de admitir que sobreviveram à época de Stáline apenas porque do ponto de vista intelectual não eram merecedores de qualquer atenção. É completamente absurdo explicar dessa forma as acções repressivas contra quadros responsáveis de base, a maior parte dos quais, naturalmente, Stáline nunca conheceu pessoalmente. A má-fé dos oportunistas é visível justamente no facto de que, alegando que Stáline era um sanguinário e cruel, nunca tentaram seriamente compreender os motivos das acções repressivas.

Para todos aqueles que não preconizam o princípio da «não resistência ao mal», a resposta física ao golpe físico é compreensível. Mas a questão torna-se mais complicada quando se trata de política, em que os resultados directos de tal ou tal acto político podem eventualmente revelar-se décadas mais tarde. Dever-se-ia ter construído a indústria na União Soviética à custa de esforços e privações indescritíveis? Teria Stáline razão quando disse: «*Ou conseguimos fazê-lo ou seremos esmagados*».⁹ Pensamos que a melhor resposta a esta questão poderá ser dada pelos soldados da guerra patriótica, que tiveram nas suas mãos as armas produzidas pela indústria stalinista. E foram precisamente os mencheviques e os socialistas-revolucionários que se opuseram à industrialização. Clamavam que a agricultura estava a ser sacrificada em nome da indústria. Deste modo, objectivamente, queriam que os camponeses russos fossem submetidos à escravatura fascista. Stáline perseguia os principais ideólogos pequeno-burgueses, que não eram senão indivíduos que mudavam de cor e se infiltravam nas fileiras dos bolcheviques. Nisto reside a essência dos «famosos processos de Moscovo». Stáline livrou a Rússia da «quinta coluna».

Para se poder compreender até que ponto isto é verdadeiro, até que ponto Stáline teve em linha de conta nos seus actos o problema do desenvolvimento do fascismo, chamamos a atenção para o facto de que o fascismo enquanto movimento social foi uma resposta directa da burguesia europeia à Revolução de Outubro.

⁹ «Sobre as tarefas dos dirigentes económicos», discurso na I Conferência de Toda a União dos Trabalhadores da Indústria Socialista, *Pravda*, n.º 35, 5 de Fevereiro de 1931, I.V. Stáline, *Obras*, Moscovo, 1951, Tomo 13, p. 38. (N. Ed.)

É impossível não sentirmos indignação e repugnância quando vemos os dirigentes oportunistas do PCUS esforçarem-se para branquear os traidores mencheviques e socialistas-revolucionários e negar os factos da sua ligação directa aos fascistas alemães. Os oportunistas não mencionam o nome de Trótski¹⁰ – este foi demasiadas vezes apontado como um dos eventuais *fuhrrers* russos. Mas sob Khruchov houve insistentes conversas em segredo com vista a reabilitar Bukhárine. De resto, o valor das reabilitações efectuadas pelos oportunistas está patente num exemplo muito claro. Tukhatchévski,¹¹ esse verdadeiro aventureiro político que ninguém mais que Trótski e Bukhárine¹² qualificaram como um homem feito «*da massa napoleónica*», foi agora reabilitado. Diz-se que o material probatório relativo a Tukhatchévski foi falsificado pelos serviços de informação alemães, que o teriam transmitido a Benès,¹³ que por sua vez o entregou a Stáline. Mas porque é que omitem que Tukhatchévski foi julgado, não na base dos materiais da espionagem, mas pelo seu envolvimento na conspiração trotskista-bukharinista, na qual uma série de altas patentes militares soviéticas, lideradas por Tukhatchévski, formavam o grupo de choque especial para derrubar o governo de Stáline pela força das armas? Na audiência final do julgamento em Moscovo, não foram os serviços secretos alemães, mas o próprio Bukhárine quem prestou um depoimento pormenorizado. E ele afirmou textualmente:

«Porquanto se trata de um golpe de Estado militar, pela própria lógica das coisas, o peso específico precisamente do grupo de conspiradores militares será excepcionalmente grande (...) e daqui pode resultar um peculiar perigo bonapartista, e os bonapartistas, eu referia-me em particular a Tukhatchévski, a primeira coisa que fazem é ajustar contas com os seus aliados, com os chamados inspiradores, segundo a matriz napoleónica.»¹⁴

E assim por diante. Porque é que os oportunistas omitem estes factos quando reabilitam Tukhatchévski? Mesmo na imprensa estrangeira, pessoas com

¹⁰ Lev Davídovitch Trótski, verdadeiro apelido Bronstein, (1879-1940), menchevique desde 1903, adere ao partido bolchevique com o grupo dos «inter-regionais» em Agosto de 1917. Membro do CC (1917-27), do *Politburo* (1919-1926), integrou o primeiro Commissariado do Povo da Rússia e foi presidente do Conselho Revolucionário Militar (1918-25). É expulso do partido em 1927 e da URSS em 1929 por actividades anti-soviéticas que prossegue nos vários países em que vive. (*N. Ed.*)

¹¹ Mikhail Nikoláievitch Tukhatchévski (1893-1937), membro do partido desde 1918, candidato do CC desde 1934. Chefe militar durante a Guerra Civil, é nomeado vice-comissário para os Assuntos Militares e Marítimos (1931-36), (Comissariado da Defesa a partir de 1934), e marechal da União Soviética (1935). Preso em Maio de 1937, é julgado e condenado à morte por espionagem, traição e preparação de actos terroristas. (*N. Ed.*)

¹² Nikolai Ivánovitch Bukhárine (1888-1938), membro do partido desde 1906, do CC (1917-34), candidato (1934-37), do *Politburo* (1924-29), candidato desde 1919. Economista e publicista, liderou os «Comunistas de Esquerda» após a Revolução de Outubro, opondo-se ao Tratado de Paz de Brest-Litovsk. Protagoniza a partir de 1929 a corrente de direita que se opõe à colectivização e industrialização acelerada. Expulso do partido em 1937, é detido nesse ano, sendo julgado e condenado a fuzilamento em 1938 no âmbito do processo do «Bloco Trotskista de Direita», que se propunha restabelecer as relações de produção capitalistas na Rússia. (*N. Ed.*)

¹³ Edvard Beneš (1884-1948), segundo presidente da Checoslováquia (1935-38 e 1945-1948), foi um dos líderes do movimento independentista durante a I Guerra, tornando-se ministro dos Negócios Estrangeiros (1918-1935), após a declaração da independência, na sequência da dissolução do Império Austro-Húngaro. Durante a ocupação nazi dirigiu a resistência no estrangeiro. (*N. Ed.*)

¹⁴ *Acta do Julgamento*, Documentos do Colégio Militar do Tribunal Supremo da URSS, audiência de 7 de Março de 1938, Mejdunaródniaia Cemiá, Moscovo, 1997 (utilizada a versão electrónica disponível em <http://www.hrono.ru/dokum/1938buharin/index.php>). (*N. Ed.*)

sentimentos antifascistas escreveram, com preocupação e surpresa, que Tukhatchévski, durante a sua visita oficial a Berlim e a outras capitais europeias, desacreditou a força do nosso exército e exaltou a *Wehrmacht* fascista, o que era inadmissível para um homem que chefiava o estado-maior general do Exército Vermelho. Porque é que os oportunistas, que professam tanto o seu amor pela justiça, não se recordam que os processos de Moscovo atingiram, mais do que qualquer outro, Trótski, que se encontrava no estrangeiro, enquanto que a execução de Tukhatchévski e dos seus cúmplices eliminou definitivamente o espírito de «Judas da revolução russa»?

Assim, podemos concluir que as acções repressivas da ditadura do proletariado, da ditadura stalinista até 1934, foram dirigidas directamente contra os oportunistas pequeno-burgueses que se opunham à edificação do socialismo no nosso país, à colectivização e à industrialização. Teríamos nós a legitimidade e o dever de agir dessa forma, de acordo com o ponto de vista de Lénine? Eis a resposta:

«Que os Mártov,¹⁵ os Tchernov¹⁶ e os pequenos burgueses sem partido, semelhantes a eles, batam no peito e exclamem: “Agradeço-te, Senhor, por não me parecer ‘com eles’, pois nunca aceitei nem aceito o terror.” Estes cretinos “não aceitam o terror” porque escolheram para si o papel de lacaios cúmplices dos guardas brancos para enganar os operários e os camponeses. Os socialistas-revolucionários e os mencheviques “não aceitam o terror” porque cumprem o papel de entregar as massas ao terror dos guardas brancos, sob a bandeira do “socialismo”. Assim o demonstraram o domínio de Kérenski¹⁷ e de Kornílov¹⁸ na Rússia, de Koltchak¹⁹ na Sibéria, o menchevismo na Geórgia, demonstraram-no os heróis da II Internacional e da Internacional “segunda e meia” na Finlândia, Hungria, Áustria, Alemanha, Itália, Inglaterra, etc. Que os lacaios cúmplices do terror dos guardas brancos continuem a gabar-se de negar todo o terror. Nós

¹⁵ Iúli Óssipovitch Mártov, verdadeiro apelido Tsederbaum (1873-1923), membro do movimento revolucionário social-democrata desde 1892. Em 1903 torna-se um dos mais destacados líderes dos mencheviques. Opositor à Revolução de Outubro, combate o Poder Soviético até abandonar o país já muito doente em 1920. (N. Ed.)

¹⁶ Mikhaíl Aleksándrovitch Tchernov (1891-1938), menchevique desde 1909, adere aos socialistas-democratas internacionalistas entre 1918 e 1920, ano em que é admitido no PCR(b), sendo eleito para o CC em 1934. Ocupa vários cargos regionais e centrais até se tornar vice-comissário do Aprovisionamento (1930), presidente do Comité dos Aprovisionamentos de Produtos Agrícolas (1933-34) e comissário da Agricultura (1934-37). Exonerado de funções é preso em Novembro de 1937, julgado e condenado a fuzilamento em 1938. (N. Ed.)

¹⁷ Aleksánder Fiódorovitch Kérenski (1881-1970), de origem nobre, foi ministro e ministro-presidente do governo provisório constituído após a Revolução de Fevereiro de 1917. Um dos líderes da maçonaria russa, emigrou, em 1918, para França e instalou-se nos EUA, em 1940, desenvolvendo uma intensa actividade anti-soviética. Faleceu em Nova Iorque. (N. Ed.)

¹⁸ Kornílov, Lavr Gueórguievitch (1870-1918), general de infantaria, participante na guerra russo-nipónica, comandante da Região Militar de Petrogrado no início da revolução e comandante-em-chefe das forças armadas entre Julho e Agosto de 1917. Organizador do golpe falhado no final de Agosto (Setembro), foi um dos promotores e comandante do exército voluntário de guardas brancos. Foi abatido em combate perto da cidade de Ekaterinodar (Krasnodar). (N. Ed.)

¹⁹ Aleksandr Vassílievitch Koltchak (1874-1920), almirante da armada imperial, dirigiu o movimento contra-revolucionário no Leste da Rússia. Após a Revolução de Outubro ingressou no exército britânico e, nessa qualidade, participa na formação de forças militares brancas na Manchúria. Comandante dos exércitos brancos da Sibéria auto-intitula-se regente supremo da Rússia em Novembro de 1918. Após ser derrotado, em Dezembro de 1919, é capturado e fuzilado pelo Exército Vermelho. (N. Ed.)

diremos a verdade pura, mas indiscutível: nos países que vivem uma crise sem precedentes, uma desintegração das velhas relações, uma exacerbação da luta de classes depois da guerra imperialista de 1914-1918 – tal é o caso em todos os países do mundo –, não se pode evitar o terror, digam o que disserem os hipócritas e charlatães. Ou o terror dos guardas brancos, burguês, no estilo americano, inglês (Irlanda) italiano (fascistas), alemão, húngaro e de outros, ou o terror vermelho, proletário. Não há meio termo, não há nem pode haver “terceira” via.»²⁰

Mas no tempo de Lénine, objectarão os revisionistas, houve menos acções repressivas. Isso é verdade. Mas a questão é que, no tempo de Lénine, o conflito entre as forças proletárias e as forças contra-revolucionárias do país não tinha ainda atingido a sua fase derradeira. A verdadeira batalha teve de ser travada contra os ideólogos pequeno-burgueses a propósito da colectivização. E foi justamente aqui que os bolcheviques dirigidos por Stáline os derrotaram. Isto aconteceu porque o campesinato russo provou ser mais revolucionário do que os seus ideólogos. Este momento é muito importante e por isso dedicamos-lhe uma atenção especial. Com efeito, as massas rurais da Rússia soviética, que haviam passado por três revoluções e habituado a confiar nos bolcheviques devido aos seus actos, tinham consciência, nas vésperas da colectivização, da tendência para a sua diferenciação. E embora os kulaques não tivessem ainda atingido uma dimensão considerável (o que hoje serve de pretexto aos oportunistas para se lançarem em considerações estéreis, alegando que no nosso país não havia ninguém que pudesse ser expropriado como kulaque), a incompatibilidade destes embriões da burguesia com o poder soviético mostrou claramente ao campesinato o que o esperava na via do desenvolvimento baseado na propriedade privada.

Precisamente por esta razão, ainda que devido às necessidades a colectivização se tenha realizado muito mais cedo do que teria acontecido em condições favoráveis, ainda que alguns funcionários soviéticos impulsivos tenham antecipado os prazos definidos, violando assim as directivas do partido, ainda que tenha havido casos particulares de acções contra a colectivização – no seu conjunto o campesinato russo aderiu aos *kolkhozes* e não responderam à colectivização com sublevações, tal como apelavam os mencheviques e os socialistas-revolucionários. O campesinato seguiu o curso da vida, seguiu a revolução na prática. Todavia, os seus eruditos ideólogos não o puderam fazer porque eram a personificação das possibilidades teóricas da consciência camponesa, a personificação da fraqueza do campesinato. Por conseguinte, a sua liquidação efectuou-se tanto no interesse do proletariado como no interesse do campesinato.

Muito bem, dirão os oportunistas, mas embora tentemos reabilitar Bukhárine, embora tencionemos erigir um monumento a Tukhatchévski, não criticamos tanto Stáline pelas acções repressivas ocorridas até 1934. Mas como podem ser justificadas as de 1937? Em Lénine nada há que possa justificar tais acções repressivas. Os oportunistas regozijam-se em vão, contando que nunca mais serão confrontados com Lénine. Mas Lénine estralhará-los-á também desta vez.

Para se poder fazer uma apreciação de classe das acções repressivas de 1937, basta colocar a seguinte questão: Qual foi a classe atingida por estas acções repressivas? O

²⁰ *Sobre o Imposto em Espécie*, brochura publicada Maio de 1921, V. I. Lénine, *Obras Escolhidas* em três tomos, ed. cit., Lisboa, 1979, tomo III, pp. 512-513. (N. Ed.)

proletariado? Não. Foram presas algumas pessoas com origem proletária que ocupavam altos cargos. Mas a classe em si não foi tocada. Pelo contrário, dado que as acções repressivas obedeciam, em larga medida, à questão da origem social, a condição e a origem proletárias constituíam a melhor salvaguarda contra as repressões. Por essa razão, muitas pessoas oriundas das camadas superiores da Rússia tsarista começaram nessa época a trabalhar nas fábricas. E isso salvou-as sempre. Terá porventura o campesinato sofrido em 1937? Mais uma vez não. E se alguns camponeses individuais guardam recordações penosas, elas estão relacionadas com o ano de 1929, quando foram expropriados como kulaques. Será que as detenções em geral não tinham uma orientação de classe e não exprimiam os interesses de classe de ninguém? Os oportunistas tentam fazer passar precisamente esta ideia e, por este mesmo motivo, tentam também atribuir a Stáline uma esquizofrenia para assim explicar as acções repressivas. Mas é claro, no entanto, que um tal ponto de vista constitui, em si, a prova de que é o cérebro deles que está desarranjado.

As acções repressivas de 1937, no seu significado social, tiveram uma orientação inteiramente definida: foram dirigidas contra o aparelho burocrático existente, contra os restos das classes exploradoras e uma parte da *intelligentsia*. Torna-se hoje claro porque é que são precisamente estas camadas sociais que atacam tão furiosamente o «culto da personalidade» e porque é que as nossas massas trabalhadoras demonstram uma surpreendente afeição, aos olhos dos oportunistas, em relação à memória de Stáline. Os senhores oportunistas falam arrogantemente da nossa «natureza de escravos», afirmando que o nosso povo precisa de um tsar e outras infâmias e absurdos deste género. Mas, como vemos, a questão é muito simples consistindo na consciência de classe do povo. Este, para falar verdade, se antes pensava que os burocratas e os «antigos burocratas» deviam ser destruídos, continua a manter hoje este ponto de vista. Stáline, como sabemos, fazia-o numa base bem sólida. É por isso que o povo sente Stáline como «seu», como o representante do povo.

Mas as repressões terão sido verdadeiramente necessárias? Os oportunistas, referindo-se à situação interna do país, alegam que não existia uma tal necessidade. Entretanto, fecham os olhos «como ingénuos» perante o facto, não essencial na sua opinião, de que, no Ocidente, o fascismo crescia como uma nuvem de tempestade, declarando abertamente que se dirigia contra a URSS. Os oportunistas, que se recordam de todas as bofetadas que Stáline lhes deu na cara, têm ataques de amnésia quando se trata de história e escamoteiam o facto de que foi precisamente nos anos de 1936 e 1937 que o perigo de guerra se tornou particularmente ameaçador. Seria necessário, nas vésperas da guerra, depurar uma vez mais a retaguarda de todos os elementos vacilantes e perigosos; na véspera de uma guerra em que os imperialistas queriam ver a União Soviética enfrentar sozinha a Alemanha hitleriana? A resposta a esta questão foi dada pelos Vlássov²¹ russos, os Bandera²²

²¹ Andréi Andréievitch Vlássov (1901-1946), membro do partido desde 1930. Comandante de Divisão de Atiradores, esteve na China como conselheiro militar (1938-39). Major-general (1940) é nomeado em 1941 comandante do corpo mecanizado da região militar de Kíev. Em Março de 1942 é nomeado vice-comandante da Frente de Volkhovski e logo a seguir enviado como comandante do 2.º Exército de Choque que estava envolvido em duros combates de defesa. Sitiadas pelos alemães, uma parte das suas tropas consegue furar o cerco e juntar-se a outras unidades. Vlássov abandona os seus

ucranianos e pelos membros dos destacamentos punitivos da Crimeia que não foram executados em 1937.

Deveremos acreditar nos oportunistas que afirmam que em 1937 não foram executados aqueles que o deviam ter sido? Os oportunistas sentem-se particularmente atingidos porque, nas suas palavras, terá sido liquidada a melhor parte do partido e do aparelho do Estado. Para podermos esclarecer isso, recorramos a Lénine:

«Porque é que cometemos tolices?» – perguntava Lénine. – «É compreensível: em primeiro lugar, somos um país atrasado, em segundo lugar, a instrução no nosso país é mínima; em terceiro lugar, não recebemos ajudas de fora. Nem um só dos Estados civilizados nos ajuda. Pelo contrário, todos eles trabalham contra nós. Em quarto lugar, por culpa do nosso aparelho de Estado. Herdámos o velho aparelho de Estado e isso foi a nossa infelicidade. Muito frequentemente o aparelho de Estado trabalha contra nós. Aconteceu que em 1917, depois de tomarmos o poder, o aparelho de Estado sabotou-nos. Então assustámo-nos muito e pedimos: "Por favor, voltai para nós." E todos eles voltaram, e essa foi a nossa infelicidade.»²³

Mas todo o mal residia no facto de que o problema não se limitava de forma nenhuma à luta contra os resquícios e tradições do velho aparelho. Essas tradições forneciam, por assim dizer, apenas o «aroma» à nova burocracia que crescia num novo terreno. A burocracia tinha-se tornado num flagelo para a revolução, num inimigo perigoso e subtil.

A quantidade de burocratas de tipo capitalista no nosso país não se limitava apenas às pessoas oriundas directamente das velhas classes, do velho aparelho. As condições eram tais que mesmo aqueles comunistas que não conseguiam dominar-se numa posição social tão complexa podiam deslizar para o burocratismo. Mas a orientação leninista sobre a atitude para com os burocratas tinha, claramente, de aplicar-se aos comunistas degenerados. E desta forma respondemos à seguinte questão: Teve Stáline razão ao proceder às depurações do aparelho burocrático ao longo de toda a sua actividade e sobretudo em vésperas da guerra?

As objecções à sua política, a nosso ver, só podem ter um carácter parcial, relativo à justeza de decisões pontuais. No entanto, toda a questão reside no facto de os oportunistas procurarem rejeitar Stáline em princípio. Reabilitaram todos os que em algum momento sofreram às mãos de Stáline: os bandos contra-revolucionários que participaram nas expedições punitivas em 1905, os renegados que roubavam o dinheiro do povo, os polícias alemães... Todos eles trazem na testa a marca dos mártires. Todos foram beijados, tanto em sentido figurado como literal, pelo «grande marxista» Khruchov, e a sua libertação é apresentada hoje, tal como antes, como um mérito que os oportunistas se atribuem a si próprios. Será surpreendente que os historiadores só possam aceder aos arquivos do Ministério do Interior com uma autorização pessoal de Khruchov? Este «grande defensor da verdade» teve

homens e entrega-se aos nazis com quem passa a colaborar, vindo mais tarde a criar o Exército Libertador da Rússia (POA), a organização militar dos colaboracionistas. (N. Ed.)

²² Stepan Andréievitch Bandera (1909-1959), contra-revolucionário ucraniano, líder da Organização dos Nacionalistas Ucranianos entre os anos 30 e 50. (N. Ed.)

²³ «Cinco anos da revolução russa e perspectivas da revolução mundial». Relatório no IV Congresso da Internacional Comunista, em 13 de Novembro de 1922, V. I. Lénine, *Obras Escolhidas* em três tomos, ed. cit., Lisboa, 1979, tomo III, pp. 625-626. (N. Ed.)

medo de colocar sobre a mesa os documentos que ele próprio declarou como falsos. Os seus sucessores continuam o mesmo trabalho sujo, e agora procuram demonstrar as acusações mais monstruosas contra Stáline, fabricadas por Khruchov mas que este não foi capaz de provar.

Terá havido de alguma forma vítimas inocentes durante as acções repressivas? Acreditamos que possa ter havido. Mas quem devemos culpar por isto? Em primeiro lugar a responsabilidade recai aqui sobre a burocracia. Talvez alguns dos acontecimentos de 1937 tenham sido determinados pelo facto de o aparelho burocratizado dessa altura ter conduzido de forma burocrática a luta contra o burocratismo e as tendências pequeno-burguesas; pelo facto de a pequena burguesia se destruir a ela própria através das suas denúncias. Os senhores intelectuais denunciavam, caluniavam, ajustavam contas, prestavam falsos testemunhos... por vezes, é claro, contra pessoas honestas e fiéis. E são precisamente estas aranhas que agora mostram luto pelo humanismo pisado e semeiam a confusão.

A atitude de Stáline para com os excessos que tiveram lugar nessa altura é bem demonstrada pelo facto, mais do que por qualquer outro, de ter mandado fuzilar o seu comissário do Interior, Ejov,²⁴ unicamente por burocratismo durante as depurações. É preciso compreender que Stáline não tinha outros instrumentos para além do aparelho burocrático e só podia agir na prática ao nível deste aparelho.

Mas quem se atreveria a acusar a ditadura do proletariado de causar vítimas? Quarenta séculos de história da humanidade por nós conhecida mostram-nos como os opressores matavam, saqueavam, torturavam e estropiavam os oprimidos; durante quarenta séculos os opressores não fizeram outra coisa que tentar sufocar a consciência dos oprimidos, privando-os do mais elementar desenvolvimento, da mais elementar participação na sociedade. E agora, tendo os oprimidos tomado finalmente o poder, quando se encontravam sob as mais difíceis condições de bloqueio total, carecendo de conhecimentos, experiência e recursos materiais suficientes, quando sob a ameaça de uma guerra de extermínio se viram obrigados a construir a sua própria sociedade, é-lhes exigido que o façam sem cometer erros, com luvas brancas. Quem mais poderia conceber tal exigência senão os opressores, senão a burguesia, que depois da sua derrota se tornou subitamente ardente defensora do humanismo e da pureza moral? Se o Poder Soviético é culpado perante alguns dos seus filhos mais dignos, nesse caso, vós, cavalheiros, não tendes o direito de vos colocar entre eles. Estes filhos estavam dispostos a dar as suas vidas pelo Poder Soviético em qualquer momento. E se eles vos pudessem ouvir hoje, vocês ficariam em má posição.

O stalinismo, definindo-o em termos gerais, representa em si mesmo o carácter da acção da ditadura do proletariado, a soma das medidas utilizadas pela ditadura do proletariado, nas condições de um país de pequenos camponeses, para a construção das bases do socialismo. Encontrando-se de facto num terreno económico que lhe é hostil, num terreno que ressuscita incessantemente e na mais larga escala o capitalismo, o proletariado não pode deixar de realizar na prática a sua

²⁴ Nikolai Ivánovitch Ejov (1895-1940), membro do partido desde 1917, do CC (1934-39) candidato do *Politburo* (1937-39), dirigiu o NKVD (1936-1938), e o Comissariado dos Transportes Fluviais (1937-39). Em 1939 é preso e julgado pelo Colégio Militar do Tribunal Supremo da URSS. Segundo as nossas fontes para além de falsificação de processos, foi igualmente acusado de traição ao Estado, espionagem e de ligação a uma organização militar clandestina no interior do Exército Vermelho. É executado em 4 de Fevereiro de 1940. (N. Ed.)

própria ditadura por todos os meios e a qualquer preço. Esta luta do proletariado contra o carácter burguês da Rússia, onde ela foi desencadeada pela primeira vez, tinha de ser particularmente encarniçada e acompanhada de erros inevitáveis. Sem dúvida que esta experiência difícil facilitará muito e permitirá tornar mais racionais as acções da classe operária noutros países em condições similares. Esta experiência contribuirá também para prevenir situações como a que hoje está criada na União Soviética. Efectivamente, o crescimento da burocracia traduziu-se na formação gradual de uma camada burocrática entre o centro revolucionário e o povo, dividindo-os e impedindo-os de agir em total unidade. Criando e consolidando o aparelho de Estado, e dessa forma realizando um trabalho de grande alcance histórico que garantiu os nossos sucessos económicos ao longo do percurso da construção do socialismo, Stáline manteve-se no terreno deste aparelho burocrático, lutou contra ele com a ajuda desse mesmo aparelho e, por esse motivo, não pôde vencê-lo definitivamente. Ele via que a hidra da burocracia crescia, e apesar de lhe cortar implacavelmente as cabeças, estas voltavam a crescer. No seu combate pela pureza revolucionária, ele não confiava (e dificilmente se poderá dizer que não tinha razões para isso) em nenhum daqueles que o rodeavam (só Mólotov provou ser o seu digno companheiro de armas). Stáline é verdadeiramente uma personalidade heróica e sagrada. Stáline ocupa um lugar cimeiro na história como um exemplo para os revolucionários, um aviso para os que vacilam e um terror para os inimigos.

III. O domínio da burocracia

A morte de Stáline desatou as mãos da burocracia. Uma pequena parte desta, que manteve a lealdade ao Estado socialista e considerava ser sua missão servi-lo, prosseguiu naturalmente a linha de Stáline. A maior parte, que desde há muito vivia apenas para si própria, viu a possibilidade de se libertar do controlo proletário em geral, do controlo superior da direcção comunista, que visava pôr cobro às veleidades egoístas da burocracia e, em última análise, afastá-la gradualmente através de formas mais amplas de soberania popular. Mas poderia a burocracia proclamar abertamente o seu domínio no nosso país sem sofrer um golpe imediato? Naturalmente que não. Para se afirmar nas condições do Estado socialista, a burocracia tinha que provar que defendia a orientação justa, que não só se mantinha fiel aos ideais revolucionários como ainda lhes era mais fiel do que fora Stáline. Ela tinha que apresentar a sua libertação das garras de Stáline como uma libertação de todo o povo dessas garras. Evidentemente que uma tal fraude não se podia fazer com facilidade. Tanto mais que a classe operária da URSS repudiara desde o início todas as invenções dos oportunistas e adoptara uma atitude totalmente intransigente para com eles. Tanto mais que uma parte da direcção do partido e do Estado (Mólotov, Malenkov²⁵ e outros), fiel à ditadura do proletariado, tentou opor-se abertamente à burocracia.

²⁵ Gueórgui Maksimiliánovitch Malenkov (1902-1988), membro do partido (1920-1961), do CC (1939-1957), do *Politburo/Presidium* (1946-57), candidato desde 1941. Vice-presidente do Conselho de Ministros da URSS (1946-55 e 1955-57), e presidente (1953-55). Acusado de pertencer ao grupo antipartido juntamente com Káganovitch e Mólotov, é exonerado em 1957 dos cargos de direcção partidária e do governo, sendo nomeado director da Central Hidroeléctrica de Ust-Kamenogóorsk. Em 1961 é aposentado e expulso do partido. (*N. Ed.*)

Sendo a própria representação material da centralização do poder e dos seus defeitos excessivos, a burocracia fez tudo o que lhe foi possível para atribuir a Stáline esses defeitos e para afastar de si própria a atenção dos trabalhadores. Mas se Stáline foi o culpado de tudo, então dever-se-ia renunciar resolutamente aos métodos do «culto da personalidade» – esta deveria ser a lógica. No entanto, os burocratas não querem de forma alguma mudar os seus hábitos, renunciar à sua notória brutalidade. E precisamente por esta razão, esmagando em teoria os métodos do «culto da personalidade», acolhem com uma irritação excessiva e forte aversão qualquer passo concreto para a democratização e a limitação do seu poder, porque os métodos do «culto da personalidade» não são métodos de Stáline, mas métodos da própria burocracia que, mesmo na época de Stáline, já envenenava a realidade soviética, e depois de Stáline asfixia e persegue tudo o que é vivo, activo e verdadeiramente soviético.

Com efeito o «culto da personalidade», se quisermos falar de tal coisa, foi uma simples repetição (todavia num degrau mais elevado) do culto da burocracia, em que cada representante era no seu gabinete uma «personalidade». Os oportunistas apresentam o «culto da personalidade» como a causa da burocracia, quando ele não é senão a sua consequência. Foram precisamente os burocratas que profanaram a afeição que o povo inteiro tinha por Stáline, convertendo-a num rito mecânico, não sem cálculos egoístas, porque isso permitia-lhes pedir uma atitude semelhante para com a sua própria pessoa. E elevando Stáline às nuvens aos olhos do povo, os burocratas maldiziam-no pela calada no seu círculo familiar. Odiavam Stáline porque era o suporte principal do Estado socialista, que era alimentado pela seiva do povo, enquanto eles não passavam de pilares apodrecidos do Estado. Será porventura de estranhar que os burocratas procurem disfarçar o seu rancor a Stáline sob um manto humanitário e democrático? De facto, sob a capa da crítica a Stáline, os burocratas expõem todo o seu ódio contra a ditadura do proletariado, a qual serviam constringidos por Stáline.

Poderemos considerar a usurpação do poder por parte da burocracia e a luta contra ela como uma manifestação da luta de classes? Como sabemos, os oportunistas em geral negam a existência da luta de classes na União Soviética. Compreende-se facilmente que não estão interessados em falar da luta de classes, já que, devido ao papel antipopular que nela desempenham, isso torna-se perigoso para eles. Assim, esta questão merece uma análise atenta e abrangente.

A política burguesa de classe da burocracia soviética manifestou-se muito nitidamente no facto de o seu primeiro passo ter sido a abolição oficial da ditadura do proletariado. Naturalmente que isto foi feito sob o pretexto de que, alegadamente, ela já não era necessária na União Soviética. E isto acontece num momento em que metade da humanidade ainda se encontra sob o jugo do capitalismo, quando mesmo no interior da URSS são visíveis as consequências dos conflitos de classe mundiais e as influências burguesas. A burocracia opôs à ditadura do proletariado e ao partido do proletariado «o Estado de todo o povo» e «o Partido de todo o povo». Mas quando falam do «Estado de todo o povo» e do «Partido de todo o povo», estão apenas a dizer que este Estado e este partido são dirigidos pelos «líderes», isto é, pelos burocratas, que hoje não representam a classe trabalhadora nem ninguém para além deles próprios.

Observem os burocratas soviéticos! Poder-se-á falar de uma verdadeira reeleição de qualquer titular de responsabilidade no nosso país – reeleição não a partir de

cima (pela via burocrática), mas pela base (pelo método democrático)? Por conseguinte, os burocratas dominam toda a vida do país. O povo não poderia demiti-los mesmo que o desejasse. Mas entretanto a burocracia pode demitir qualquer funcionário do partido ou do aparelho de Estado caso seja demasiado honesto e fiel aos interesses do povo. Reparem nos salários dos nossos burocratas, nos seus carros e vivendas. Basta aflorar estas coisas para que comecem logo a verberar ofensivamente sobre a «vulgarização do marxismo», o «abandono do princípio do interesse material» e, finalmente, sobre o «stalinismo». A transformação dos burocratas de servidores do Estado em donos deste teve efectivamente lugar na URSS.

Mas não foram os líderes oportunistas do PCUS e toda a burocracia soviética que anunciaram o programa da construção do comunismo e que agora fazem esforços para construir esse comunismo? O segredo de tanta pressa dos burocratas soviéticos fica de imediato desvendado se nos lembrarmos que foi evocando o advento do comunismo ainda não construído que eles eliminaram a ditadura do proletariado. Mas basta olhar de perto para vermos o que significam, não em palavras mas em actos, esse programa e essa construção. Lendo o programa oportunista, é impossível não nos espantarmos com a sua total inconsistência e o seu deplorável carácter declarativo. Fala-se da construção de creches e de jardins de infância, de parques e de piscinas, fala-se do aumento da democracia, mas não encontramos qualquer análise da realidade que é o ponto de partida de todas essas grandes realizações; por conseguinte, não existe nada que indique a via a seguir. Podemos imaginar o choque dos oportunistas perante uma declaração deste tipo!

A burocracia transformou a demagogia social em bastião do seu bem-estar. O povo presente intuitivamente o real estado de coisas e diz que os burocratas há muito que vivem no comunismo.

Os oportunistas gabam-se das brilhantes realizações da URSS, tais como a conquista do cosmos, o desenvolvimento da base energética, etc. Mas terão eles créditos nestas coisas? Não serão estas o fruto das sementes lançadas por Stáline? Não serão estes sucessos o resultado da inércia do nosso movimento anterior? É fácil alardear sobre as realizações. Deixemos pois que os oportunistas falem de iniciativas suas que não tenham fracassado vergonhosamente!

Poderá haver dúvidas sobre a mais completa degenerescência da burocracia, se olharmos directamente para a realidade quotidiana actual, sobre o total esvaziamento da vida socialista e da consciência socialista, que ela provocou das mais variadas formas? Ausência total de entusiasmo nas massas, indiferença completa para com o trabalho, a vida social transformada numa farsa, domínio total dos princípios do egoísmo, supressão de tudo o que é vivo, activo, fresco – tal é o balanço do estabelecimento da ordem burocrática. É preciso ter-se perdido completamente a consciência, ser-se completamente obtuso e ter-se até perdido as mais elementares noções e qualquer memória da revolução e do bolchevismo; finalmente, é preciso estar-se absolutamente vendido para não ver e negar tudo isto. De qual serviço ao povo, de qual ligação às massas os burocratas podem falar quando fuzilaram mais que uma vez operários em greve? Todos os esforços dos oportunistas visam enganar as mulheres e homens soviéticos, corromper a nossa juventude, distorcer a história revolucionária, silenciar o facto de que toda a sua essência consistia na afirmação do bolchevismo, que representa em si a mais complexa e elevada cultura da revolução. Os oportunistas fazem a revisão do bolchevismo,

colocam-lhe o rótulo do dogmatismo e do talmudismo em todas as suas manifestações, vingando-se eles próprios do bolchevismo pelas humilhações do passado e pelo medo disfarçado que ainda hoje sentem. Temos de rasgar o manto tradicional da glória bolchevique que cobre esta camarilha, temos de denunciar a sua fraseologia marxista e as suas nebulosas promessas. Perante nós surgirá então uma pequena burguesia furiosa, egoísta, insaciável e, ao mesmo tempo, covarde. Todavia, o burocrata soviético também não é um verdadeiro burguês; as condições sociais não lhe permitem sê-lo. Ele é uma paródia absurda do burguês, ele é um pequeno burguês que propende para a ideologia e para a situação do burguês. É por isso que se esforça por todos os meios para aceder ao modo de vida «ocidental». Encobrendo o seu servilismo com frases bombásticas sobre a amplitude dos seus conceitos, troçando dos pontos de vista verdadeiramente marxistas, os quais qualifica de dogmatismo e obstinação ortodoxa, o burocrata soviético degenera em toda a linha, aderindo em todos os aspectos ao ambiente perverso da vida burguesa, que lhe é tão caro e que ele próprio reproduz no modo como se comporta, na forma de vestir e até mesmo nos objectos de arte de uso doméstico. Não é por acaso que dizemos «de uso doméstico». À vista de todos, o burocrata é obrigado a respeitar os limites da respeitabilidade soviética; no seu círculo privado dá largas aos seus verdadeiros sentimentos; aí descontrai dos princípios soviéticos. No seu círculo privado envolve a sua alma torturada pela ideologia com os trapos do mundo burguês e visiona filmes que, devido ao seu conteúdo corruptível, são proibidos até na Europa burguesa. É precisamente nesta base que crescem os traidores declarados da pátria, tais como Penkóvski.²⁶

Veja-se os disparates que os burocratas dizem em matéria de teoria socialista. Houve dogmatismo no tempo de Stáline? Sim, houve. Respondemos assim sem nenhum receio de reconhecer este facto. O dogmatismo foi um resultado natural e inevitável da nossa ignorância geral, do período de aprendizagem e domínio do marxismo pelas massas. Nós utilizamos dogmaticamente qualquer arma até ao momento em que a dominamos. A utilização livre e criativa surge associada ao inteiro domínio da matéria. É este também o caso no que respeita ao pensamento dialéctico. Isso é compreensível para qualquer um que queira entender alguma coisa. Esse dogmatismo inicial deve ser superado, mas isso não significa que devamos vender o marxismo, como os oportunistas fazem, substituindo-o pela liberdade burguesa de pensamento. Os burgueses são livres no seu pensamento porque ele é completamente oco.

Todavia, não podemos dizer que esta gente não se preocupa minimamente com o marxismo. O carácter tragicómico da sua posição consiste no facto de que só podem preservar a sua própria existência pregando o marxismo em palavras. Sustentam-se lendo o livro no qual está inscrita a sua sentença de morte. Será de espantar que procurem distorcer o que lêem para assim atenuar essa sentença? Aproveitando-se da ignorância dos outros, tentam amarrar o marxismo pelas mãos e pés, cortar todas as «arestas afiadas», para que possam continuar no seu conforto pequeno-burguês. Perante nós temos um inimigo de classe, um inimigo que é o mais perigoso porquanto veste o nosso uniforme, porque no cadinho da batalha de classes

²⁶ Oleg Vladímirovitch Penkóvski (1919-1963), coronel da Direcção Principal de Informações do Estado Maior General do Ministério da Defesa da URSS. Acusado de espionagem a favor dos EUA e da Grã-Bretanha (aos quais forneceu milhares de documentos secretos), em 1963, foi condenado a fuzilamento pelo Colégio Militar do Tribunal Supremo da URSS. (*N. Ed.*)

podemos tomá-lo por um dos nossos, confiar nele e assim seremos apunhalados pelas costas.

IV. Os oportunistas na arena mundial

Enquanto na URSS o oportunismo conduziu à perda do curso socialista e à desorganização social, no plano internacional as suas consequências são ainda mais sérias e perigosas. Numa situação em que os destacamentos nacionais de comunistas se encontram em diferentes fases de desenvolvimento, em que frequentemente não só não passaram pela época de Stáline como nem sequer a entenderam ainda, a falsa crítica dos oportunistas directamente a Stáline só poderia causar um enorme dano ao movimento comunista, só poderia dar armas a todos os elementos pequeno-burgueses vacilantes no seu seio, que procuram de todas as maneiras furtar-se à disciplina revolucionária, recusam submeter-se à unidade do partido e ao espírito de total abnegação, sem o que um comunista não pode ser comunista. As acções da direcção oportunista do PCUS abriram caminho a todos os tipos de demagogia e traições nas fileiras dos partidos comunistas, à especulação sobre aquilo que é mais caro e sagrado para um comunista: a verdade e a pureza ideológica. Agora qualquer agitador e dúplice, qualquer ambicioso falhado, tem a possibilidade de não se submeter à direcção revolucionária, aos líderes revolucionários, acusando-os de «stalinismo». A crítica do «culto da personalidade» de Stáline tornou-se deste modo a maior provocação à escala de todo o movimento comunista, provocação que tem como objectivo privar de «comando» os seus destacamentos.

Mas ao falarmos de oportunismo na arena mundial, temos de analisar a sua influência não só na organização interna do movimento comunista, mas também na política internacional dos comunistas. Como já afirmámos, os oportunistas não trouxeram nada de novo do ponto de vista teórico e apenas distorcem os factores realmente existentes. Porém, encontraram uma explicação «real» para a sua ruptura com os ideais revolucionários e com a acção revolucionária na arena mundial – a luta pela paz.

Quando se fala em guerra e paz, e nos é proposto que façamos uma escolha em abstracto entre elas, qualquer pessoa normal escolherá sem hesitar a paz. Especulando com esta aspiração natural e muito forte, os oportunistas procuram apresentar a situação como se eles fossem os defensores incondicionais e acima de qualquer dúvida da paz, enquanto que os seus oponentes estariam a tentar envolvê-los numa determinada política, que implica a ameaça de extermínio total, e pretenderiam edificar o comunismo sobre ruínas atómicas, etc. «*Paz a todo o preço!*» – declarou abertamente Khruchov. De imediato os oportunistas fizeram coro com ele, afirmando que «*estamos sob a ameaça de uma guerra atómica e devemos garantir, acima de tudo, a existência da humanidade, e tudo o resto vem depois!*». Criou-se assim a impressão de que a questão da defesa da paz e da exclusão da guerra nas relações entre os povos é uma questão inteiramente independente da luta de classes e que pode ser resolvida à margem dos problemas sociais. A deliberação da Organização das Nações Unidas sobre a solução de todos os conflitos entre os Estados pela via pacífica, o banimento das armas atómicas, o desarmamento total e geral – constituem o plano para a instauração de uma paz eterna sobre a terra, plano lançado e insistentemente defendido pelos oportunistas. Manifestamente só quem

tenha caído da Lua poderia elaborar semelhantes planos e depois interrogar-se: por que razão os imperialistas não aceitam propostas tão razoáveis? Com efeito, por que será que os imperialistas não querem eliminar as suas bases no estrangeiro e os seus exércitos coloniais, o que conduziria de imediato à perda de toda a sua influência sobre todo o globo terrestre e ao triunfo de uma série de revoluções de libertação nacional e social? Por que será que os imperialistas não querem o desarmamento, o que conduziria de uma vez à perda do seu domínio de classe e das suas riquezas? É preciso não se ter estudado nada de marxismo para colocar questões tão tolas. Dir-nos-ão que os imperialistas lutam não só contra o proletariado, mas também entre si, instigados por tendências predatórias. Isso é verdade. Mas também este facto não pode ser analisado apenas no plano subjectivo. Alguns capitalistas, pessoalmente, poderão não ser insaciáveis; poderão até não desejar aumentar a sua riqueza. Mas a realização de lucros mais elevados é para eles condição indispensável da sua própria existência. Se tudo dependesse das qualidades pessoais dos capitalistas, talvez fosse possível chamá-los à razão (coisa que os oportunistas estão a tentar fazer). Mas a questão não está nas suas qualidades pessoais. Estas suas qualidades são determinadas por factores materiais. Na verdade, a guerra não é o resultado da vontade pessoal de ninguém, mas uma necessidade económica imperiosa do capitalismo. As contradições internas do sistema capitalista levam a que os países capitalistas, na sua busca por novos mercados, se confrontem entre si; levam a que, numa crise de sobreprodução, procurem saídas para as forças produtivas da sociedade capitalista e que estas forças, geridas inadequadamente, assumam a forma da produção de armas. A guerra é o resultado inevitável das relações sociais actuais no mundo capitalista. Falar do estabelecimento da paz, na base de um acordo geral com os capitalistas, é o mesmo que falar da destruição do sistema capitalista na base de um acordo com os seus representantes. O total absurdo de um tal plano é flagrante. É exactamente por esta razão que os oportunistas, defendendo a sua concepção da paz, tentam por todos os meios criar a impressão nos povos de que estão a ser alcançados sucessos na via do desarmamento, etc. Em nome disto traíram abertamente os interesses do povo quando assinaram o Tratado de Interdição Parcial de Ensaio Nucleares.²⁷ Nos termos desse tratado, a URSS ficou privada da possibilidade de realizar ensaios nucleares em geral, enquanto os Estados Unidos da América mantiveram essa possibilidade, dado que o tratado não abrangia os testes subterrâneos, que já se realizavam nos EUA e continuaram a ser realizados. De facto, nenhum inimigo pode ser mais terrível para nós do que o oportunismo.

Só os oportunistas não se dão conta de que apresentar a paz como o primeiro e principal dever significa cair por terra e levantar os braços. É uma atitude capitulacionista que dá aos imperialistas a possibilidade de especular com a ameaça militar e assim atingirem os seus objectivos em qualquer questão específica política e internacional. Em nome da tal «salvação a humanidade» teríamos de continuar a fazer concessões ilimitadas. Logicamente, quando se chegasse ao fim desta chamada estrada humanitária, tanto nós como toda a humanidade teríamos de nos ajoelhar e colocar a canga imperialista nos nossos pescoços.

«Isso é uma calúnia», dirão os oportunistas, «nós não tencionamos recuar até esse ponto». Mas então até que ponto tencionam recuar, meus senhores? Isso é o

²⁷ O Tratado de Interdição Parcial de Ensaio Nucleares, assinado em 5 de Agosto de 1963, em Moscovo, inicialmente pela URSS, EUA e Reino Unido, proibiu os ensaios nucleares na atmosfera, no espaço e no meio subaquático. (N. Ed.)

mesmo que dizer que também vós não podeis deixar de admitir que a luta pela paz tem um limite para todos aqueles que não aceitam comprar a paz pelo preço da escravidão. Isso é o mesmo que dizer que afinal a questão não se coloca como se de um lado estivessem os dirigentes do PCUS em defesa da paz, enquanto do outro os comunistas da China e da Albânia, partidários da guerra. Isso é o mesmo que dizer que os oportunistas e os marxistas revolucionários compreendem de maneira diferente a importância e o peso específico da luta pela paz no programa e na acção dos comunistas.

Nós declaramos: Sim, a guerra é uma coisa horrível e tem de ser combatida de forma conseqüente com vista a ser totalmente excluída da vida da humanidade. Mas há diferentes formas de lutar contra a guerra e de ser conseqüente com esta luta. Podemos levantar-nos contra a guerra enquanto um facto. Esta é a forma como os pacifistas lutam contra a guerra; efectivamente os oportunistas também se inclinam nesse sentido. Esta luta pela paz representa em si, claramente, uma tendência democrático-burguesa, que pretende eliminar uma das piores conseqüências do sistema capitalista – a guerra –, sem tocar na essência do sistema. Como vemos, esta atitude conseqüente do ponto de vista formal é de facto uma inconseqüência flagrante. Para se lutar contra a guerra, de forma verdadeiramente conseqüente, é necessário combater a origem e as causas das guerras no mundo actual – o imperialismo. Por outras palavras, os comunistas não podem colocar a questão da guerra e da paz em primeiro plano e examiná-la isoladamente, uma vez que ela é apenas uma parte da sua luta geral pelo socialismo. «Nós não negamos isso!», dirão os oportunistas. Mas então como puderam apresentar a luta pelo efeito (a paz), em vez da sua causa (o socialismo), como linha geral do movimento comunista?

A lógica dos oportunistas distingue-se por uma simplicidade pouco invejável: os países socialistas ocupam a posição de liderança do movimento comunista; o seu dever revolucionário mais importante, segundo as palavras de Lénine, é a consolidação da sua economia; daqui decorre que o desenvolvimento económico dos países socialistas deve tornar-se, de facto, o objectivo principal ao qual se devem subordinar todas as acções do comunismo mundial. Compreende-se que, neste caso, as palavras «paz a qualquer o custo» possam parecer plenamente justificadas, já que, alegadamente servem a revolução mundial. No entanto não é difícil desvendar a base egoísta e conspirada de toda esta lógica oportunista. Os países socialistas estão para o movimento comunista mundial como a parte está para o todo.

«A classe operária da URSS» – disse Stáline no XVII Congresso do PCU(b) – *«é uma parte do proletariado mundial, o seu destacamento de vanguarda, enquanto a nossa república é uma criação do proletariado mundial. Não pode haver dúvidas de que se não tivesse o apoio da classe operária dos países capitalistas, ela não manteria o poder nas suas mãos, não asseguraria as condições para a construção do socialismo, logo não teria alcançado os êxitos de que hoje dispõe (...) Mas isto impõe-nos sérias obrigações. Isto significa que devemos justificar com o nosso trabalho o título honroso de brigada de choque dos proletários de todos os países. Isto obriga-nos a trabalhar melhor e a lutar melhor pela vitória do socialismo no nosso país, pela vitória do socialismo em todos os países.»*²⁸

²⁸ «Relatório ao XVII Congresso sobre o trabalho do CC do PCU(b)», 26 de Janeiro de 1934, I.V. Stáline, *Obras*, Gossudárstvenoe Izdatelstvo Politítcheskoi Literaturi, Moscovo, 1951, Tomo 13, pp. 378-379. (N. Ed.)

Sem dúvida que o mesmo pode ser dito também em relação ao campo dos países socialistas em geral. Só orientando-se em todas as suas acções e em todos os seus planos na base dos processos que decorrem no movimento comunista internacional, só tomando em consideração os seus interesses gerais, os países socialistas poderão cumprir a sua verdadeira missão histórica e levar a cabo uma política revolucionária justa. Em contrapartida, os oportunistas, logo nos seus primeiros passos, começaram na prática a insistir na sua hegemonia sobre o movimento comunista internacional e serviram-se da arma atómica como um novo argumento a favor da sua posição de liderança.

Repetimos que os objectivos de classe não podem ser alcançados no quadro da luta pela paz. Mais que isso, a partir do momento em que foi elevada a linha fundamental do movimento comunista mundial, a luta pela paz passou a contrariar abertamente a luta de classes. Com efeito, se os partidos comunistas dos países capitalistas considerassem a luta pela paz como o seu principal dever, perderiam a sua essência de classe e fundir-se-iam com a corrente dos partidários da paz dos respectivos países, que têm um carácter democrático. A prossecução de uma tal política obrigá-los-ia, em coerência, a renunciar a qualquer acção minimamente firme e revolucionária, de forma a evitarem conflitos internos com a outra fracção dos partidários da paz – os representantes da pequena, média e mesmo grande burguesia, que não estão interessados numa transformação revolucionária. Acaso a burguesia, quando pressentisse a possibilidade de uma tal reviravolta, não procuraria uma saída através da guerra, impondo leis excepcionais de tempo de guerra, empenhando-se numa vitória militar que lhe permitiria alimentar a sua classe operária com o fruto da pilhagem e, na pior das hipóteses, provocando uma intervenção militar? O que expomos não são considerações especulativas, mas a história real da Rússia tsarista. Alguma conferência de paz ou declarações poderiam evitar uma tal evolução dos acontecimentos? Aparentemente, para não «empurrar» a burguesia deste modo para a guerra, os trabalhadores teriam de renunciar às acções revolucionárias e à insurreição. Se não concebemos a luta pela paz desta forma tão radical e continuarmos a falar dela como a linha geral dos comunistas, então estaremos a dizer disparates. E se prosseguíssemos até ao fim desta estrada, tal seria uma verdadeira contra-revolução.

As insurreições revolucionárias e anticoloniais, em caso de vitória, conduzem sempre à intervenção estrangeira, à intervenção da burguesia mundial. A história da Rússia soviética, o destino do Vietname do Sul e do Congo hoje são provas suficientes disso. No processo da penetração estrangeira, a revolução transforma-se numa guerra do povo revoltado contra a potência ou as potências estrangeiras. «*Admitimos as guerras justas e repudiamos as guerras de rapina*», declaram os oportunistas numa pose marxista. Mas então que linha geral é essa da luta pela paz em relação aos partidos comunistas dos países capitalistas? Para eles a linha geral só pode ser a luta de classes no interior dos seus países contra os capitalistas até às suas formas armadas e à guerra revolucionária contra os intervencionistas estrangeiros.

«*Os trabalhadores dos países capitalistas também precisam da paz*», dizem os oportunistas. Gritam histericamente a propósito da guerra nuclear, tomados por um horror bestial que os faz perder toda a dignidade humana. Mas quem querem eles amedrontar com tais ameaças? Os homens e mulheres que hoje morrem aos milhões de fome e de doenças nos países do capital e nos países dependentes? De facto, só com o cinismo típico dos oportunistas se pode pregar àqueles que morrem de fome

ser seu primeiro dever a luta pela paz e não pela revolução. Será que os oportunistas querem atemorizar os guerrilheiros do Vietname do Sul e os insurgidos do Congo, as suas mulheres e filhos, com o dia do juízo final? Para estes, o dia do juízo final já chegou. Será que na sua dor não desejariam acabar com os seus tormentos de uma só vez através de um confronto mundial entre o capitalismo e o socialismo? Não lhes será indiferente morrer com napalm ou com a bomba atómica? Naturalmente que nem todos os oprimidos se convenceram ainda de que vale mais morrer de pé do que viver prostrados. Mas todos caminham nessa direcção, esta é a tendência da sua evolução. Por consequência, também a ameaça da guerra nuclear não pode anular a linha geral dos comunistas rumo à revolução socialista.

O destino do campo socialista e da paz no mundo está indissolúvelmente ligado ao desenvolvimento do movimento revolucionário internacional. A contradição real entre os partidos comunistas dos países socialistas e capitalistas surgiu porque os oportunistas, depois de terem usurpado o poder na URSS, distanciaram-se das perspectivas revolucionárias dos países socialistas, e consideram a sua existência meramente de um ponto de vista pequeno-burguês. É precisamente por esta razão que os oportunistas procuram converter o movimento comunista mundial, de base e fonte da força revolucionária dos países socialistas, num apêndice dócil deles próprios na arena da luta pela paz. Da mesma forma que no interior da URSS os oportunistas tiraram proveito das suas posições históricas temporárias para viverem à custa dos seus concidadãos, também na arena mundial também tentam criar uma situação similar em relação aos partidos comunistas, e em geral às massas trabalhadoras dos países capitalistas, subordinando os interesses destes aos seus próprios interesses.

Não é difícil compreender que, de modo a poderem aplicar a linha geral internacional, os partidos comunistas dos países da Ásia, da África e da América Latina devem apoiar-se em toda a classe operária e mesmo no conjunto de todos os trabalhadores, ao passo que, nos países capitalistas desenvolvidos, devem apoiar-se apenas nas camadas mais pobres da classe operária e do campesinato. Na prática, porém, constatamos hoje um distanciamento oportunista deste princípio de classe por parte dos partidos comunistas dos principais países capitalistas. Os comunistas europeus, por exemplo, deviam conciliar-se com o facto de que a manutenção das posições de princípio marxistas conduzirá neste momento inevitavelmente a uma diminuição considerável das suas fileiras. Mas constituirá isso um argumento para a traição oportunista? E será isso um sinal da fraqueza dos comunistas? Como é sabido, justamente na véspera da Revolução de Outubro houve um momento em que o número dos bolcheviques diminuiu consideravelmente. Acaso Lénine fez quaisquer concessões aos partidos do compromisso apenas para aumentar o número dos membros do partido bolchevique? Não, nunca. E isso impediu os bolcheviques de tomarem o poder no momento decisivo; impediu a bolchevização de toda a Rússia em praticamente alguns dias? De modo nenhum. Durante décadas consecutivas, os partidos comunistas dos países da Ásia e da América Latina lutaram em condições sobre-humanas e fizeram sacrificios tremendos só para realizarem as primeiras tentativas de propaganda marxista. Será que os comunistas europeus estão dispostos a vender hoje o marxismo por um prato de lentilhas da glória pequeno-burguesa? Mas significará isto então que os comunistas devem renunciar à união de todas as forças progressistas na luta contra o imperialismo? Não, não é disso que se trata. Mas esta união não deve ser alcançada através de uma ruptura com o marxismo, de

uma fusão com a massa pequeno-burguesa, mas através de um trabalho duro e paciente, pondo à prova na base de factos reais a justeza das suas posições, a justeza da análise marxista das relações de classe, da política marxista. É óbvio que esta via da organização das massas é muito mais complexa e difícil e muito mais longa que a especulação sobre os preconceitos comuns e as tendências do momento. Mas a história não se deixa enganar; apenas podemos imprimir-lhe esta ou aquela direcção se nos apoiarmos na força da necessidade. Por isso, Lénine dizia que a única política justa é a política de princípios.

Os factos mostram que os núcleos de partidos comunistas genuínos do futuro estão hoje a formar-se nos partidos europeus. Pouco importa que não passem por enquanto de grupos; eles crescerão inevitavelmente; romperão com a maioria oportunista e emergirão à cabeça dos movimentos revolucionários dos seus países. Os seus êxitos futuros estão garantidos pelo facto de que actualmente o proletariado dos principais países capitalistas está a tornar-se rapidamente revolucionário. Mas os revisionistas continuam a representar com frequência os partidos comunistas dos países capitalistas. Dá vontade de rir quando os ouvimos gabarem-se dos seus êxitos, os quais eles medem pelo aumento do número dos membros do partido. Se pudessem completar o seu programa com a tese segundo a qual Jesus Cristo foi o fundador do comunismo, teriam uma possibilidade real de algum dia incluir também nas suas fileiras o próprio Papa de Roma. O facto de o partido francês e o partido italiano, na sua competição pelo aumento da sua influência e do número dos seus membros, terem desde há muito ultrapassado todos os limites permitidos pelo marxismo, mostra claramente a sua atitude para com a intelectualidade burguesa. Nós somos acusados de dogmatismo, mas se este consiste no facto de que nos lembramos das lições da história revolucionária, então estamos prontos a admitir que somos dogmáticos. Sim, lembramo-nos ainda da luta entre bolcheviques e mencheviques no II Congresso do Partido Operário Social-Democrata da Rússia sobre a questão de quem devia ser membro do partido. Na altura colocou-se a questão: deveria o partido ser uma organização de revolucionários proletários profissionais ou um albergue para intelectuais palradores, para os quais a entrada e saída do partido não é mais que um momento nas suas atormentadas biografias espirituais, que preenche o intervalo entre a paixão por alguma teoria filosófica na moda e um caso de amor?

Só em partidos como o francês e o italiano, nos quais a tendência pequeno-burguesa do compromisso suprimiu totalmente as verdadeiras aspirações revolucionárias, poderia surgir a ilusão absurda da passagem «pacífica» do capitalismo para o socialismo. Mesmo que, por algum acaso, o poder passasse para as mãos de um tal partido, que pela sua natureza de classe é uma salada russa, isso não significaria de maneira nenhuma uma vitória da ditadura do proletariado. Um tal partido está votado à dissolução, ao caos e à eliminação sob os golpes dos verdugos contra-revolucionários. O povo trabalhador que seguisse os oportunistas pagaria com inúmeras vítimas uma tal vitória. É claro que também existe uma variante «vitoriosa», que é a via dos trabalhistas ingleses, a via da colaboração aberta com o capitalismo. Mas os oportunistas no movimento comunista ainda não tiraram da sua pele burguesa as vestes marxistas. Por isso procuram apresentar a transição «pacífica» como um processo genuíno para o socialismo.

Defendendo a sua concepção da transição «pacífica», os oportunistas citam Lénine, que se referiu à possibilidade de uma tal transição do poder para as mãos do

proletariado em Junho de 1917. Mas isso nunca passou de uma possibilidade. E é bastante significativo que a história não tenha ainda registado um único caso, na base do qual possamos fazer uma avaliação realista das condições para uma transição «pacífica». Os oportunistas procuram ainda adaptar de alguma forma a Revolução de Outubro à teoria da transição «pacífica», baseando-se na facilidade da reviravolta inicial. Mas isso é uma fábula. Em primeiro lugar, a reviravolta revolucionária de Outubro de 1917 efectuou-se praticamente sem efusão de sangue, não devido a uma orientação para a solução pacífica do conflito de classe, não devido ao recurso a meios pacíficos, mas porque as forças do proletariado em Petrogrado eram muito superiores às da burguesia, porque toda a frota do Báltico estava do lado dos bolcheviques e porque toda a artilharia da fortaleza de Petropavlosk, que se tinha juntado ao proletariado, estava apontada para o Palácio de Inverno. Por outro lado, em Outubro de 1917, o poder do proletariado foi apenas proclamado, tendo o verdadeiro confronto entre explorados e exploradores prosseguido durante quatro anos consecutivos nas frentes da guerra civil. Acaso os oportunistas sugerem que consideremos esta epopeia sangrenta como uma transição «pacífica» do poder para as mãos do proletariado?

Os oportunistas evocam a transição «pacífica» do poder das mãos da burguesia para as mãos do proletariado nos países da Europa Oriental depois da II Guerra. Mas só os oportunistas podem intencionalmente escamotear o facto de que essa passagem foi o resultado da vitória da União Soviética na guerra, o resultado do facto de que a burguesia desses países estava desarmada.

Hoje podemos avaliar concretamente como de facto a luta pela paz entra em conflito com a luta revolucionária de libertação quando os oportunistas fazem da luta pela paz o seu objectivo principal. Isto foi demonstrado da melhor forma pelo destino de Lumumba.²⁹ Em vez de apoiarem a luta revolucionária do povo congolês e de ajudá-lo a libertar-se das ilusões liberais pequeno-burguesas, os líderes do PCUS pressionaram por todos os meios o Congo para uma solução no quadro da Organização das Nações Unidas, ou seja, através da via «pacífica», prometendo a Lumumba o êxito através da sua intervenção nesta organização. Isto desmoralizou os partidários de Lumumba e ajudou os imperialistas que, depois do estabelecimento do controlo da ONU sobre o Congo, capturaram Lumumba com a ajuda de mercenários e eliminaram-no. Este foi o resultado da luta pela paz enquanto linha geral dos oportunistas! A verdade é que as mãos de Khruchov estão manchadas com o sangue de Lumumba.

Um outro exemplo claro, que mostra como os imperialistas podem utilizar a luta pela paz nas suas acções contra o movimento revolucionário de libertação, é a actual situação no Vietname. Hoje, os americanos acusam o Vietname do Norte de ser o responsável pelas vitórias dos guerrilheiros do Vietname do Sul e, sob a ameaça de uma guerra entre os dois campos, procuram forçar os vietnamitas do Sul a cessar a sua luta de libertação.

²⁹ Patrice Émery Lumumba (1925-1961), líder da luta de libertação do Congo belga, venceu as eleições de Maio de 1960, ocupando o cargo de primeiro-ministro. No entanto, logo em Setembro, já depois de Moïse Kapenda Tchombé, com o apoio das tropas belgas, ter tomado o controlo da região do Alto Catanga, o presidente Josep Kasa-Vubu tenta demitir o governo, ao que o parlamento se opõe. Surge então o golpe de Estado liderado por Joseph Désiré Mobutu, chefe do estado-maior, que força Lumumba a fugir, acabando por capturado e fuzilado, em 17 de Janeiro de 1961, por tropas comandadas por oficiais belgas. (*N. Ed.*)

No entanto, os imperialistas assentam as suas esperanças unicamente nos nervos fracos dos oportunistas, acreditando que estes últimos exercerão uma pressão pacificadora sobre os revolucionários. É claro que tal situação, a que se junta o bombardeamento provocatório do Vietname do Norte, seria impossível se os líderes soviéticos prosseguissem uma política minimamente firme e se gozassem de algum prestígio mundial. Como diz um provérbio russo, «cospem-lhes na cara e eles dizem que é o orvalho celeste». Só assim se pode entender as declarações dos oportunistas. O seu dever seria recorrer ao ultimato e a represálias que fizessem perder para sempre a vontade aos bandidos imperialistas de violar as fronteiras do campo socialista.

O desenvolvimento das contradições sociais conduz os imperialistas para a guerra e os trabalhadores para a revolução. O perigo de revolução faz os imperialistas intensificarem ainda mais os esforços para saírem do impasse histórico em que se encontram através da guerra. Mas significa isso que os trabalhadores devem renunciar às acções revolucionárias, à revolução? Os oportunistas, devido ao seu medo, falta de vontade e egoísmo, responderiam que sim. Os marxistas dizem não. Porque não é possível alhearmo-nos do desenvolvimento das contradições objectivas que reflectem a evolução da história da humanidade. O crescimento do movimento revolucionário, aumentando os propósitos subjectivos de guerra dos imperialistas, priva-os ao mesmo tempo da possibilidade objectiva de desencadear essa guerra. Não compreender hoje esta dialéctica equivale a renunciar ao comunismo, a renunciar à revolução. Os oportunistas, que procuram impor a luta pela paz como linha geral do movimento comunista mundial, esforçam-se para criar uma aparência de paz, para conseguir um acordo instável e fraudulento com os imperialistas, sacrificando para isso a garantia real da paz – o desenvolvimento do movimento revolucionário. Desorganizando as massas, desorganizando os partidos comunistas, enfraquecendo o potencial militar dos países do socialismo, os oportunistas, longe de contribuírem para prevenção da guerra termonuclear global, estão de facto a caminhar para ela.

Existirá algum meio efectivo de pôr fim à chantagem nuclear dos imperialistas, ao seu monstruoso balancear à beira da guerra termonuclear, existirá um meio efectivo para os privar da arma atómica? Sim, existe. E consistirá esse meio nas conversações, petições, manifestações, etc.? Não, nenhuma destas formas poderá persuadir os imperialistas. A única forma de frustrar a chantagem atómica é afrontá-la. Os oportunistas, que espalham o pânico a respeito da ameaça da guerra termonuclear, não se dão conta de uma coisa muito simples: se os imperialistas pudessem realmente começar uma guerra total, tê-lo-iam feito há muito tempo. Tê-la-iam começado ontem, hoje, neste preciso instante, porque a sua situação desde há muito que exige o emprego de todas as forças, de todos os meios e possibilidades. Encontrando-se sobre um vulcão revolucionário, sentem a terra abrasadora debaixo dos seus pés. Hesitariam eles, por um só instante, em eliminar da face da terra várias centenas de milhões de homens e mulheres quando têm liquidado muitos mais ao longo da sua exploração de classe e colonial? Apenas não o fazem porque sabem que também desapareceriam da face da terra. Os imperialistas nunca admitirão ser aniquilados em nome de ideais, só para baterem com a porta atrás deles. E não transporão esse limiar se os oportunistas não desmobilizarem o exército revolucionário do proletariado mundial e não sabotarem o potencial militar do campo socialista. São os próprios oportunistas, pela sua fraqueza e indecisão, que

excitam a arrogância dos imperialistas; brandem os seus mísseis com uma precipitação leviana, mas quando o conflito assume uma importância de princípio, batem em retirada, cobrindo-se a si próprios e aos seus aliados de vergonha.

Para nós, não se trata apenas de os imperialistas respeitarem os direitos da União Soviética, mas de respeitarem os direitos de todos os povos do mundo.

E os operários soviéticos apoiar-nos-ão como um só homem. Os povos do mundo precisam de saber que, se em alguma parte e por alguma razão a União Soviética se cobriu de vergonha, os culpados não foram os trabalhadores soviéticos, que em 50 anos de luta deram provas da sua abnegação revolucionária – os culpados são os oportunistas. O medo impede-os de ver a essência da chantagem atômica. Mas será que eles acreditam sempre nesta chantagem? Não. São os próprios oportunistas que exploram essa chantagem com propósitos egoístas. Isto foi particularmente visível quando romperam com a China, quando, a pretexto da preparação para um eventual ataque, projectaram em todos os ecrãs da URSS um filme que apresentava os horrores da bomba atômica. Os oportunistas tentam espalhar a psicose atômica nos países socialistas para aterrorizar os nossos povos, para que aqueles que decidam opor-se-lhes não os possam contestar sob pena de serem declarados partidários da guerra atômica. Efectivamente os oportunistas participam muito activamente na chantagem nuclear e apoiam essa política tanto quanto podem.

A serpente do capitalismo não pode entrar num combate de morte com o socialismo, e por isso foi despedaçada pelas contradições internas do seu sistema social. Procura reunir forças através de todos os tipos de pactos e alianças em todas as partes do mundo, mas tudo isso é inútil. Então, cega de fúria, envenena aqueles que estão ao seu alcance: os pequenos povos, as mulheres e crianças pacíficas no Vietname do Sul e no Congo. Não falamos de altas virtudes humanas, mas é preciso ter-se perdido qualquer sentimento de vergonha para não dizer «não» a esse monstro, não lhe esmagar a cabeça e lhe arrancar o seu terrível dente: a arma atômica.

V. Comunistas, avante!

Para agir em conformidade com o que afirmamos, é preciso uma grande energia revolucionária e uma iniciativa revolucionária sem paralelo.

Em primeiro lugar devemos chamar a atenção para o facto de que, nos nossos dias, todas as contradições sociais estão enredadas num grande e emaranhado novelo. Se dantes existiam muitos sectores dispersos e desligados entre si na luta de classes, nos quais o proletariado local e a burguesia se confrontavam directamente entre si; se a essência dos problemas sociais era, em cada um desses casos, bastante clara; se cada partido comunista nessas condições podia apoiar-se inteiramente nas suas próprias forças e na sua própria iniciativa – actualmente, o mundo inteiro tornou-se num único campo de batalha social, no qual o socialismo e o capitalismo se confrontam como duas forças organizadas; actualmente, a solução desta ou daquela crise local, em regra, assume uma importância mundial.

Porém, a unificação de todos os laços e de todas as contradições sociais, longe de eliminar as causas da revolução, aumenta-as com uma tenacidade sem precedentes e numa escala nunca vista, numa forma que não é específica mas geral: um complexo único que exige uma solução única. Compreender isto de forma clara e integral,

depois de um longo desenvolvimento do movimento comunista através de canais nacionais específicos, é naturalmente uma coisa difícil. Por isso torna-se ainda mais importante declarar hoje cabalmente: o que Marx e Engels disseram no momento do surgimento do movimento comunista; o que os operários e os soldados russos inscreveram nas suas bandeiras antes da ofensiva de Outubro é uma tarefa histórica actual para nós. Devemos prepará-la incansavelmente e por toda a parte, dedicando-lhe todos os nossos pensamentos e acções. Falamos da revolução mundial.

Abordemos a questão do ponto de vista histórico. O desenvolvimento do capitalismo ao longo da vida de Marx foi um desenvolvimento inicial, que de facto tinha lugar dentro dos limites deixados pela época feudal. Nestes limites (com excepção dos Estados Unidos da América), o mundo capitalista representava em si mesmo uma unidade económica tão estreita e as suas contradições estavam de tal modo agudizadas e entrelaçadas que Marx teve razão em prever a eliminação do capitalismo como o resultado de uma revolução mundial comum, de uma guerra geral revolucionária.

Mas no decurso da disputa pelas colónias e durante o processo de monopolização do capital evidenciou-se a lei mais importante do desenvolvimento dos países capitalistas: o seu desenvolvimento desigual. O desenvolvimento desigual do capitalismo tornou impossível a revolução em todos os continentes. A situação económica, o poder dos exploradores e o desenvolvimento do movimento operário eram muito distintas nos diversos países capitalistas. Mas esse desenvolvimento desigual criou a possibilidade – e Lénine viu essa possibilidade – de quebrar o elo mais fraco da cadeia do capitalismo. A teoria leninista da revolução num só país foi inquestionavelmente um desenvolvimento posterior da teoria da revolução.

Mas apesar dos distintos níveis de desenvolvimento e das distintas situações dos países capitalistas, criaram-se entre eles, em geral, relações tais que não podem ser quebradas sem se quebrar todas as correlações, ou seja, o mundo, não obstante a sua situação contraditória, tornou-se de novo único, como no tempo de Marx. É pois natural que, na actual etapa do desenvolvimento da luta de classes, não podemos deixar de voltar à concepção de Marx sobre a revolução mundial e, desta vez, de maneira clara.

Mas será que isso significa que a teoria leninista sobre o desenvolvimento desigual do capitalismo e sobre a ruptura dos elos individuais mais fracos é hoje errónea? Claro que não. A preparação da explosão revolucionária mundial, longe de excluir os seus elos mais fracos, a luta revolucionária dos povos nessa direcção, pressupõe essa luta, o seu crescimento incessante em cada país. O «elo fraco» é actualmente toda a Ásia, a África e a América Latina. Segundo as palavras dos camaradas chineses, estas regiões transformaram-se numa «zona de tempestades revolucionárias». Quando os oportunistas clamam que os marxistas revolucionários subestimam o papel dirigente do campo socialista no movimento comunista mundial relativamente a esta questão, entram claramente no campo da demagogia e em raciocínios viciados. O papel dos países socialistas é claro tanto para a China e para a Albânia como para todos os revolucionários. Falaremos disso no futuro. Mas isso não impede os países da Ásia, da África e da América Latina de serem o tal ponto fraco onde se quebrarão os próximos elos da cadeia capitalista. Ao negarem isto, os actuais oportunistas comportam-se exactamente como os chefes europeus da II Internacional, que negavam a teoria leninista sobre a vitória do socialismo na Rússia atrasada. A definição dos países da Ásia, da África e da América Latina como «zonas

de tempestades revolucionárias» é um acréscimo e um desenvolvimento prático claro da teoria leninista do «elo fraco». Os oportunistas que não querem compreendê-lo, colocam-se contra a teoria leninista, a qual assume hoje uma nova e muito maior importância, reconduzindo-nos outra vez, como se fechasse o ciclo, à rota da revolução mundial.

Cabe aqui assinalar que o surto revolucionário mundial, a cujo início estamos a assistir, é cronologicamente o terceiro da história do desenvolvimento do movimento operário mundial.

O primeiro data aproximadamente de meados do século passado [século XIX]. Nessa altura, na luta contra as teorias utópicas do socialismo e contra os projectos de transição evolutiva para o socialismo, surgiu a teoria do socialismo científico proletário. O movimento revolucionário era liderado por Marx e Engels. Todo esse período ficou marcado pela grandiosa Comuna de Paris.

O segundo surto revolucionário, que começou antes da I Guerra Mundial e atingiu o auge no decurso desta, foi uma etapa nova, superior, do desenvolvimento da revolução proletária. Nessa etapa, o marxismo foi desenvolvido e aprofundado por Lênine. Esse desenvolvimento do marxismo foi então realizado na luta directa contra os oportunistas da II Internacional e contribuiu, em primeiro lugar, para a libertação da classe operária da sua influência perniciosa. A política revolucionária dos bolcheviques russos, encabeçada por Lênine, e a política revolucionária dos partidos comunistas que estavam a nascer na Europa, na América e na Ásia, teve como resultado o aparecimento e a consolidação do primeiro Estado da ditadura do proletariado no mundo: a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Seguramente que os comunistas, lutando contra os oportunistas e vencendo-os, estarão totalmente preparados para receber e liderar o novo surto revolucionário. Naturalmente que a orientação para a revolução mundial afastará do movimento comunista os ideólogos pequeno-burgueses, que só podem aceitar o comunismo se for cozinhado com molho oportunista. Por outras palavras, a cisão numa série de partidos comunistas hoje existentes é inevitável. «*Antes da unificação e para a unificação é preciso primeiro uma demarcação decidida e definida.*»³⁰

Isto é válido também para os nossos dias. O movimento comunista não tem razões para avançar enquanto mantiver o invólucro oportunista em torno de si. Tanto mais que no processo de desenvolvimento dos acontecimentos revolucionários, as fileiras dos partidos comunistas serão reforçadas com milhares e dezenas de milhares de verdadeiros proletários da cidade e do campo, que compreendem a necessidade de acções verdadeiramente revolucionárias, que são fiéis sem reservas à causa do comunismo. Perante nós está hoje colocada uma grandiosa tarefa: suprimir o domínio dos oportunistas no movimento comunista mundial, desmascará-los e minar a sua autoridade aos olhos dos trabalhadores de todos os países, para que em lugar do fumo haja chamas.

A luta revolucionária exige coragem e firmeza não apenas no momento decisivo; ela não pode ser conduzida com êxito sem um trabalho quotidiano incansável e contínuo, sem uma persistência férrea, sem um cálculo sereno e realista. No primeiro instante, o golpe assestado sobre os oportunistas foi, sob qualquer perspectiva, um grandioso facto histórico, uma grande proeza revolucionária. Os

³⁰ «Declaração da Redacção do Iskra» (1900), V.I. Lênine, *Obras Completas*, Izdatelstvo Polititsheskoi Literaturi, Moscovo, 1967, Tomo 4, p. 358. (N. Ed.)

povos da China e da Albânia, que passaram por provas difíceis devido a este caso, mereceram a gratidão e a admiração de todo o proletariado mundial, e o exemplo da sua firmeza permanecerá durante séculos. Mas os oportunistas mobilizam hoje todas as suas forças, todo o seu conhecimento e capacidades para desacreditar o marxismo revolucionário e barrar-lhe o caminho para o coração dos trabalhadores. Nestas condições devemos suplantar os oportunistas, não apenas no domínio da estratégia revolucionária geral (a sua causa tem sofrido neste campo derrotas desde o início), mas também na tática. Para evitar que a nossa tática revolucionária se transforme em mera abnegação, é necessário definir com clareza e precisão a sua essência.

E aqui beneficiamos mais uma vez da ajuda de Lénine. Com efeito, analisando os problemas de uma transformação revolucionária à escala mundial, não podemos deixar de notar que a correlação de forças na arena mundial recorda-nos hoje, de forma surpreendente, a relação que existia na Rússia em vésperas da Grande Revolução Socialista de Outubro. Temos perante nós as mesmas três classes principais: a grande burguesia e o proletariado, que se encontram num antagonismo inconciliável, e a massa pequeno-burguesa do campesinato, que ganhou espírito revolucionário, mas que é menos estável e conseqüente que o proletariado. Quanto à actual divisão de classes no plano mundial, ela assumiu uma delimitação geográfica particular: a burguesia é representada pelos grandes países imperialistas; o proletariado, pelos países do socialismo; a pequena burguesia, pelos países em vias de libertação na Ásia, em África e na América Latina. Dir-nos-ão que em cada uma destas divisões há também relações de classe internas. Não nos esqueçamos disso. Mas a divisão que fazemos não perde por isso a sua importância na análise da situação geral da correlação de forças de classe na arena internacional. Os marxistas revolucionários podem olhar em frente com coragem: não precisam de caminhar às cegas; têm em sua posse uma imensa experiência de mais de 100 anos da luta do proletariado, que foi analisada e generalizada nas diferentes etapas pelos maiores pensadores da humanidade – Marx e Lénine.

Para poderem utilizar correctamente esta experiência, não podem perder de vista o facto de que o êxito da Revolução de Outubro e da futura revolução mundial é determinado por uma mesma condição: a capacidade do proletariado de ganhar as massas democráticas do campesinato, separá-las da burguesia e organizá-las na luta revolucionária. Hoje, o aspecto mais importante deste problema é a atitude dos países socialistas para com os povos da Ásia, da África e da América Latina, que lutam pela sua libertação social e nacional. Neste plano, os oportunistas causaram-nos um grande dano ao adoptarem uma posição abertamente anti-leninista. É inquestionável que os países socialistas podem e devem ajudar os países libertados da Ásia, da África e da América Latina. No entanto não devemos de modo nenhum forçá-los a aceitar o nosso programa comunista, exactamente como Lénine nunca o impôs às massas e aos partidos camponeses na Rússia. Os povos que estão a libertar-se devem convencer-se pela sua própria experiência da necessidade do desenvolvimento socialista. Mas isso não significa que os comunistas devam esquecer os princípios de classe e apoiar qualquer um.

Os países em vias de libertação na Ásia, África e América Latina, que estão em contradição com as maiores potências capitalistas, tornam-se eles próprios teatro de uma luta terrível entre as forças democráticas populares e as tendências burguesas. Os comunistas não devem alimentar ilusões a este respeito. Nesses países, tal como aconteceu na Rússia, é mais fácil começar a revolução, mas mais difícil levá-la a

cabo. A compreensão deste facto ajudar-nos-á também a avaliar com mais justeza as perspectivas do movimento revolucionário nos maiores países capitalistas. Aqui não devemos manifestar cepticismo, embora estejamos a lidar com o baluarte do capitalismo. Quanto mais os povos da Ásia, África e América Latina se libertarem da dependência política e económica das potências imperialistas, tanto mais o capitalismo americano, europeu e mesmo australiano sentirá o chão fugir-lhe debaixo dos pés, tanto mais será corroído pelas contradições internas, tanto mais se desenvolverá o movimento revolucionário nos maiores países capitalistas. Hoje já podemos falar do fim do surto económico registado nos países capitalistas após a II Guerra Mundial. A crise geral já se vislumbra no horizonte da economia capitalista. A maré excepcionalmente alta do movimento grevista que varre hoje os países capitalistas é um prenúncio das tempestades revolucionárias que se preparam. Os comunistas da Europa, da América e da Austrália devem estar prontos para encabeçar esse fluxo revolucionário e, com esse propósito, precisam de se separar dos oportunistas e formar a sua própria organização. São justamente partidos como o Partido Comunista da Austrália, liderado pelo camarada Hill,³¹ que dirigirão os trabalhadores desses países capitalistas nas futuras batalhas revolucionárias. Actualmente, o proletariado dos grandes países capitalistas experimenta maiores dificuldades para agir do que as massas populares da Ásia, África e América Latina, mas quando se levantar, soará a última hora do domínio capitalista. É precisamente por esta razão que os comunistas dos países capitalistas devem olhar audaciosamente em frente, conscientes da sua grande missão histórica. Quanto mais difícil lhes for neste momento seguirem uma política revolucionária consequente, e quanto maior a superioridade dos oportunistas que os circundam, tanto mais importante e gloriosa é a tarefa que repousa sobre os seus ombros, tanto mais esplêndida será a sua vitória.

Avaliando hoje as perspectivas do movimento revolucionário mundial, podemos afirmar que elas são maiores que nunca. Vivemos numa época em que, como disse Mólotov, todos os caminhos conduzem ao comunismo. Mais cedo ou mais tarde, todas as correntes do movimento revolucionário confluirão para um mesmo rio impetuoso. Quaisquer que sejam as duras provações que os comunistas tiverem de suportar, quaisquer que sejam as contradições internas que se manifestarem no movimento comunista, nada poderá fazer vacilar os marxistas dialécticos. Não podemos temer as contradições; não há desenvolvimento sem elas. Não podemos temer os extremos; os contrários são os dois punhos de que a história se serve para abrir caminho em frente.

Mas quer isso dizer que não devemos ser sensatos nas nossas acções e almejar um único objectivo, despender as nossas energias de forma racional, sermos consequentes na resolução dos problemas de princípios? Pelo contrário, hoje ao se prepararem para a batalha final contra o capitalismo, as forças revolucionárias precisam de uma unidade sólida e de subordinar os seus interesses particulares a um só objectivo e a uma só vontade. Os camaradas chineses e albaneses são criticados

³¹ Edward Fowler Hill (1915-1988), fundador do Partido Comunista da Austrália (Marxista-Leninista), constituído em 1963, do qual foi presidente até 1986. Aderiu ao Partido Comunista da Austrália ainda estudante de Direito, entrando em ruptura com a respectiva direcção no início dos anos 60 a propósito do conflito sino-soviético. Apoiante das posições chinesas, é expulso do PCA em 1963, formando pouco depois um novo partido com um conjunto numeroso de militantes comunistas. Após a ascensão de Deng Xiaoping, em 1972, demarca-se do novo rumo da política chinesa. (*N. Ed.*)

com frequência por alegadamente não compreenderem o papel da URSS. No entanto, foi Mao Tsé-Tung e mais ninguém quem propôs nas reuniões de Moscovo que fosse especialmente realçado o papel dirigente do País dos Sovietes no movimento comunista mundial. Os marxistas-leninistas fizeram todos os possíveis nesse sentido, mas há um limite para tudo. A partir do momento em que a autoridade, o poderio material e ideológico do Estado soviético foram transformados inteira e exclusivamente numa arma para a afirmação do oportunismo no movimento comunista, a demarcação da actual liderança da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas tornou-se uma necessidade incontornável e indispensável para todos os revolucionários genuínos. Houve uma altura em que a revolução russa, à custa de incontáveis sacrifícios, foi uma praça de armas dos proletários de todos os países, o porta-estandarte das grandes batalhas revolucionárias do início do século XX. Hoje, o movimento comunista deve auxiliar a revolução russa, a União Soviética. E para isso é suficiente que excomunguemos publicamente do comunismo os líderes do PCUS, e exijamos que sejam afastados da direcção. Uma tal exigência faria prova da grande força e crescimento do movimento comunista mundial. Seria saudada pelos trabalhadores da URSS como um acto de solidariedade revolucionária, porque os homens e mulheres soviéticos nunca viram a União Soviética senão como o primeiro baluarte da Internacional Comunista.

Ninguém duvidará de que o isolamento dos líderes oportunistas do Partido Comunista da União Soviética nas fileiras dos partidos comunistas torná-los-ia completamente impotentes também no interior do país. Na realidade, a camarilha oportunista da URSS apenas se mantém de pé devido ao facto de os nossos homens, apesar de verem claramente o carácter egoísta e apodrecido da burocracia soviética, ainda não terem compreendido este fenómeno sob o ponto de vista social e de classe, e tomado consciência da necessidade de uma luta encarniçada e implacável para lhe pôr fim. Uma tal tomada de consciência equivaleria a colocar os oportunistas numa situação catastrófica porque, num país como a URSS, não se aguentariam uma hora pela força das armas. Mas existirão realmente condições objectivas para derrubar os oportunistas na URSS? Os comunistas nos outros países, não conhecendo de perto as tendências e a vida dos trabalhadores soviéticos e avaliando o estado da opinião pública apenas na base da imprensa, talvez sobrestimem a força das tendências oportunistas (por exemplo, a importância da agitação pequeno-burguesa com que se deleitam os nossos homens de letras). Os comunistas nos outros países precisam de saber que tudo isso é apenas lixo que flutua à superfície e, por muito denso que seja, nada pode decidir. Os destinos da URSS estão nas mãos dos operários e dos camponeses, nas mãos de milhões de comunistas de base; e estes dirão a sua palavra. Mas não devemos perder de vista o facto de que a crítica feita pelos oportunistas contra Stáline constituiu um golpe preciso que lhes deu uma vitória temporária porque visou a pureza ideológica e a honestidade do nosso povo – aquelas qualidades dos nossos homens e mulheres que os ergueram para grandiosos feitos heróicos e grandiosas provações.

Mas mesmo nestas condições a classe operária da União Soviética não foi abalada e não caiu na armadilha da provocação oportunista. O seu ódio contra os oportunistas não tem limites e é apenas a falta de um programa concreto de acção que a deixa desarmada de momento. O campesinato soviético está a assumir uma oposição cada vez mais firme contra os oportunistas. Entusiasmado inicialmente com os disparates de Khruchov, o campesinato constatou rapidamente que os

oportunistas são incapazes de qualquer acção prática. A crise da agricultura na URSS não pode ser resolvida com meias medidas. De facto, estamos perante o boicote de uma classe inteira, e só uma política verdadeiramente revolucionária, verdadeiramente democrática, levada a cabo pela ditadura do proletariado, abrirá perspectivas de futuro ao campesinato soviético.

Naturalmente que isto não acontecerá espontaneamente. Para derrotar o sistema burocrático na URSS é indispensável ter uma organização de revolucionários, é indispensável ter uma base para abrir caminho à cólera e à luta popular. Para isso não precisamos de fazer quaisquer investigações. Temos perante nós um caminho já testado – o caminho da reconstituição do partido proletário. De facto, o PCUS está hoje transformado numa organização completamente formal, numa tela em que se projecta uma aparência democrática do domínio dos burocratas. É para nós claro que o novo partido verdadeiramente proletário só poderá ser o Partido Comunista da União Soviética (bolchevique) regenerado. Todos aqueles que estão dispostos a lutar contra a burocracia, todos aqueles a quem são profundamente caras as grandes vitórias revolucionárias do nosso povo e a causa da revolução mundial, devem enveredar resolutamente e para sempre neste caminho. Chegou a hora. Da criação de muitas células isoladas do PCUS(b) até à sua fusão numa poderosa e invencível avalanche, que varrerá os burocratas – este é o caminho que os comunistas soviéticos têm de percorrer. A actividade das células do PCUS(b), as suas palavras de ordem e os seus folhetos devem transformar-se numa verdadeira luta de guerrilha. É preciso que a terra arda debaixo dos pés dos burocratas. E será inútil dizer que esta luta produzirá os seus heróis! Os oportunistas, com seu cinismo pequeno-burguês e a sua desconfiança nas pessoas, não vêm mais nada no mundo para além do princípio do interesse material. No entanto, o heroísmo e a fidelidade comunista do nosso povo não têm limites. Sufocados pela atmosfera opressiva da decomposição burocrática, alguns dos nossos homens e mulheres estão desorientados. Mas basta que se lhes mostre o bom caminho para que realizem prodígios. Por muito poucas e fracas que possam parecer de início as células do PCUS(b), os seus organizadores precisam de compreender claramente a importância histórica da sua iniciativa. A sua perseguição despertará necessariamente todo o povo e levará a uma confrontação das massas com os burocratas; a burocracia não estará em condições de fazer face a isto.

No entanto, o fim dos oportunistas pode ocorrer mais cedo. A falta de qualquer apoio activo por parte dos comunistas de base tornará possível a sua derrota pelas forças sãs que continuam fiéis ao povo, existentes no próprio seio da direcção do Estado soviético. Tanto mais que muitos comunistas que foram enganados e mostraram uma certa fraqueza no momento em que os oportunistas atacaram Stáline, dão-se hoje conta do seu erro. Da mesma forma que os girondinos, logo no dia seguinte ao assassinato de Robespierre, se aperceberam da sua passividade perante a reacção, também uma parte dos dirigentes do PCUS compreenderam quão baixo tinham caído quando viram os resultados da crítica do «culto da personalidade» à escala mundial e a hostilidade dos trabalhadores da URSS a essa campanha.

Podemos depositar uma grande esperança nos quadros militares soviéticos educados por Stáline, os quais conhecem melhor que ninguém o perigo de morte a que a União Soviética se encontra exposta pelos oportunistas. Cada pessoa em cujo coração ainda ressoe o toque a rebate da revolução, qualquer um que se considere

comunista, deve compreender que a colaboração com os oportunistas, enquanto não foram desmascarados, poderá ter sido apenas um erro; agora, essa colaboração representa uma cumplicidade com os seus crimes contra o povo. Derrubar os oportunistas e depois criar um governo revolucionário que coloque a burocracia entre este governo e o povo, como entre o martelo e a bigorna – eis a tarefa dos comunistas soviéticos. Não se trata de modo nenhum da liquidação total dos burocratas. De modo nenhum. Só aqueles que resistirem abertamente à vitória da democracia deverão ser esmagados implacavelmente. A classe operária da União Soviética, depois de ter tomado o poder nas suas mãos, terá de colocar os burocratas no seu lugar, e obrigá-los a devolver com o seu trabalho tudo o que eles roubaram ao povo. A direcção política e económica geral deve efectuar-se de acordo com a vontade do povo, em conformidade com as suas convicções e exigências. Esta será necessariamente uma política revolucionária, comunista, internacionalista, e os trabalhadores do mundo inteiro dirão: «Essa é a nossa política!»

Viva a bandeira vermelha sagrada, a bandeira da revolução socialista, a bandeira de Marx, Engels, Lénine e Stáline!

Por muito que os oportunistas tentem cobri-la de lama, não conseguirão manchá-la. Por muito que tentem arrear esta bandeira até ao seu nível, haverá sempre forças no mundo que a erguerão à devida altura – honra e glória a elas! Não está longe a hora em que esta bandeira voltará a drapejar sobre a pátria do socialismo.

Viva o Partido Comunista da União Soviética (bolchevique)!

Que os nossos amigos e os nossos inimigos no mundo inteiro nos oiçam: o bolchevismo está a renascer na Rússia, como a Fénix das suas cinzas. Nós, os bolcheviques, estamos perfeitamente cientes da dificuldade das tarefas que temos pela frente, mas suportaremos todos os sacrifícios e tormentas de cabeça erguida.

A razão de Lénine está connosco,
A determinação de Stáline está connosco,
O grande coração do nosso povo está connosco,
Somos invencíveis!